Escola Superior
de Educação
Politécnico de Coimbra

O que pensam crianças do 3º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico sobre Sexualidade e Reprodução Humana

Departamento de Formação de Educadores e Professores

Mestrado em Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

2024, Catarina Alexandra Ribeiro dos Santos Andrade

Catarina Alexandra Ribeiro dos Santos Andrade

O que pensam crianças do 3º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico sobre Sexualidade e Reprodução Humana

Relatório Final em Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, apresentado ao Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do Júri

Presidente: Professora Doutora Catarina Maria Neto da Cruz

Arguente: Professora Doutora Ana Carolina Morgado Ferreira de Frias

Orientador: Professora Doutora Maria Filomena Rodrigues Teixeira

ESEC, 20 de março de 2024

Agradecimentos

Terminada esta etapa, resta agradecer a todas as pessoas que fizeram parte dela, ajudando-me a chegar a este momento.

Aos meus pais, que foram os meus pilares durante estes últimos anos, que sempre estiveram presentes nos momentos mais importantes da minha vida, com toda a paciência e sem os quais não teria chegado aqui.

Ao meu irmão e à minha cunhada, que me ouviram e encorajaram nestes últimos anos.

Ao meu namorado, por todo o amor, paciência, por ter acreditado mais em mim do que eu mesma, por me ter apoiado em todos os momentos da minha formação, por contrabalançar a minha ansiedade e o stress, nos melhores momentos e nos momentos de dúvida, por me fazer uma pessoa melhor.

Aos meus colegas da CUF, por serem os meus companheiros de todos os dias, por me ouvirem e incentivarem diariamente, por permanecerem ao meu lado e se terem tornado uma segunda família.

À Professora Cooperante, por toda a disponibilidade, amizade, carinho, por ter sido um modelo e por me transmitir, não só conhecimentos, mas também valores que levarei comigo para a vida.

Às crianças, pais/mães e encarregados/as de educação, pelo esforço, participação e carinho demonstrado no decorrer deste projeto.

À Professora Doutora Filomena por me ter aceitado e pelo apoio na realização do presente Relatório Final.

A todos, o meu mais sincero obrigado.

Relatório Final: Sexualidade e Reprodução humana: o que pensam crianças do 3º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico

Resumo: O presente Relatório Final apresenta um estudo realizado no ano letivo 2021/2022 numa turma de 3º ano de escolaridade, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, em contexto de estágio curricular. Reflete a experiência vivenciada através da implementação de um projeto de intervenção-investigação sobre Sexualidade e Reprodução Humana, num estudo de natureza qualitativa, descritiva e interpretativa. Teve como finalidade "compreender as conceções que as crianças têm acerca das diferenças entre mulheres e homens e sobre a reprodução humana, a fim de criar, implementar e avaliar uma proposta de intervenção de Educação em Sexualidade adequada às questões e necessidades da turma". Para além da componente teórica e investigativa, o presente Relatório Final tem também, uma componente reflexiva, onde são apresentadas reflexões acerca das Práticas Educativas realizadas em contexto Pré-Escolar e 1º CEB. Os resultados mostram que as crianças que participaram no projeto possuíam conceções acerca da Sexualidade e Reprodução Humana, e que os seus conhecimentos evoluíram após a intervenção. Conclui-se, assim que o projeto de intervenção-investigação foi uma mais-valia para a aprendizagem, pelo que a temática pode ser abordada no 1º CEB.

Palavras-chave: Educação em Sexualidade; Sexualidade e Reprodução Humana; 1º Ciclo do Ensino Básico; Prática Educativa.

Final Report: *Sexuality and Human Reproduction: what do students from the 3rd-grade of the 1st Cycle of Basic Education think*

Abstract: The present Final Report aims to showcase a study conducted during the academic year of 2021/2022 in a 3rd-grade class of the 1st Cycle of Basic Education, within the scope of the Master's Degree in Preschool Education and the 1st Cycle of Basic Education Teaching, in the context of curricular internship. It reflects the experience gained through the implementation of an intervention-research project on Sexuality and Human Reproduction, in a qualitative, descriptive, and interpretative study. Its purpose was to "understand the students' conceptions of the differences between a women and men and about reproduction; and to create, implement, and evaluate a Sexuality Education intervention proposal suitable for the class's questions and needs."

This intervention-research project has been an asset to learning. In addition to the theoretical and investigative component, this Final Report also presents a reflective component, where conclusions and reflections on Preschool and 1st Cycle Education Practices are presented for the years 2020/2021 and 2021/2022, respectively. It is concluded that the students that have participated in the present project have conceptions about Sexuality and Human Reproduction, and their knowledge has positively evolved with the conclusion of the intervention.

Keywords: Sexuality Education, Sexuality and Human Reproduction, 1st Cycle of Basic Education; Educational Practices

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

PARTE I – COMPONENTE INVESTIGATIVA 3

CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO 5

1.1 - Motivação 7

1.2 - Finalidade 8

1.3 - Enquadramentos Curricular e Legislativo 8

1.4 - Relevância da Proposta de Intervenção Desenvolvida 10

CAPÍTULO II – SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO E REPRODUÇÃO HUMANA 15

2.1 - Sexualidade 17

2.2 - Educação em Sexualidade e a sua importância na Escola 18

2.3 - Reprodução Humana 21

CAPÍTULO III – PERCURSO METODOLÓGICO 27

3.1. Questões de Investigação e Objetivos 29

3.2. Participantes 30

3.3. Recolha de Dados 31

3.4. Sequência Didática 33

3.5. Análise dos dados e apresentação dos resultados 42

CAPÍTULO IV – CONCLUSÕES 89

4.1 - Conclusões 91

4.2 – Limitações 93

4.3 – Recomendações 93

PARTE II – COMPONENTE REFLEXIVA 95

Reflexão Sobre a Prática Educativa em contexto Pré-Escolar 97

Reflexão Sobre a Prática Educativa no 1º CEB 100

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 103

APÊNDICES 109

Lista de abreviaturas

CEB – Ciclo do Ensino Básico

CR – Categoria de Resposta

PI – Projeto de Intervenção

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Sequência didática desenvolvida ao longo do estudo 34
Tabela 2 - Planificação da 1ª sessão 35
Tabela 3 - Planificação da 2ª sessão 36
Tabela 4 - Planificação da 3ª sessão 37
Tabela 5 - Planificação da 4ª sessão 37
Tabela 6 - Planificação da 5ª sessão 38
Tabela 7 - Planificação da 6ª sessão 39
Tabela 8 - Planificação da 7ª sessão 40
Tabela 9 - Planificação da 8ª sessão 40
Tabela 10 - Planificação da 9ª sessão 41
Tabela 11 - Planificação da 10ª sessão 42
Tabela 12 - Levantamento de dados 1ª questão 44
Tabela 13 - Levantamento de dados 2ª questão 45
Tabela 14 - Levantamento de dados 3ª questão 46
Tabela 15 - Levantamento de dados 4ª questão 47
Tabela 16 - Levantamento de dados 5ª questão 48
Tabela 17 - Levantamento de dados 6ª questão 49
Tabela 18 - Levantamento de dados 8ª questão 53
Tabela 19 - Levantamento de dados 9ª questão 54
Tabela 20 - Levantamento de dados 10ª questão 55
Tabela 21 - Levantamento de dados 11ª questão 56
Tabela 22 - Levantamento de dados "Ser homem é…/Ser mulher é…" 64
Tabela 23 - Levantamento de dados 1ª questão 71
Tabela 24 - Levantamento de dados 2ª questão 72
Tabela 25 - Levantamento de dados 3ª questão 73
Tabela 26 - Levantamento de dados 4ª questão 74
Tabela 27 - Levantamento de dados 5ª questão 75
Tabela 28 - Levantamento de dados 6ª questão 76
Tabela 29 - Levantamento de dados 8ª questão 80
Tabela 30 - Levantamento de dados 9ª questão 81
Tabela 31 - Levantamento de dados 10ª questão 82
Tabela 32 - Levantamento de dados 11ª questão 83

Lista de Apêndices

Apêndice 1 - Lista de participantes e codificação 111

Apêndice 2 – Consentimento Informado 112

Apêndice 3 – Questionário aos/às alunos/As do 1º CEB 113

Apêndice 4 – Questão "Uma mulher é…" (antes da intervenção) 116

Apêndice 5 – Questão "Um homem é…" (antes da intervenção) 117

Apêndice 6 – Questão "Em casa, um homem faz…" (antes da intervenção) 118

Apêndice 7 – Questão "Em casa, uma mulher faz…" (antes da intervenção) 119

Apêndice 8 – Questão "Fora de casa, um homem faz…" (antes da intervenção) 120

Apêndice 9 – Questão "Fora de casa, uma mulher faz…" (antes da intervenção) 121

Apêndice 10 – Questão "De onde vêm os bebés?" (antes da intervenção) 122

Apêndice 11 – Questão "Como se faz um bebé?" (antes da intervenção) 123

Apêndice 12 – Questão "Como é que um bebé sai da barriga da mãe?" (antes da intervenção) 124

Apêndice 13 – Questão "Após o nascimento, como se sabe se um bebé é menino ou menina?" (antes da intervenção) 125

Apêndice 14 – "Ser homem é…/Ser mulher é…" (sessão a pares) 126

Apêndice 15 – Questão "Uma mulher é…" (após a intervenção) 132

Apêndice 16 – Questão "Um homem é…" (após a intervenção) 133

Apêndice 17 – Questão "Em casa, um homem faz…" (após a intervenção) 134

Apêndice 18 – Questão "Em casa, uma mulher faz…" (após a intervenção) 135

Apêndice 19 – Questão "Fora de casa, um homem faz…" (após a intervenção) 136

Apêndice 20 – Questão "Fora de casa, uma mulher faz…" (após a intervenção) 137

Apêndice 21 – Questão "De onde vêm os bebés?" (após a intervenção) 138

Apêndice 22 – Questão "Como se faz um bebé?" (após a intervenção) 139

Apêndice 23 – Questão "Como é que um bebé sai da barriga da mãe?" (após a intervenção) 140

Apêndice 24 – Questão "Após o nascimento, como se sabe se um bebé é menino ou menina?" (após a intervenção) 142

INTRODUÇÃO

O presente relatório, realizado no âmbito da unidade curricular de Prática Educativa II na Escola Superior de Educação de Coimbra, intitulado "O que pensam crianças do 3º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico sobre Sexualidade e Reprodução humana", foi desenvolvido durante o estágio curricular do segundo ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB), realizado numa turma do 3º ano de escolaridade, constituída por 14 crianças.

Sendo que a Educação em Sexualidade se encontra prevista no currículo, ligada à Educação para a Saúde (Lei 60/2009 e Portaria 196-A/2010) e, dado tratar-se de um tema bastante pertinente, esta proposta de intervenção-investigação pretende abordar a Sexualidade e a Reprodução Humana com crianças de uma turma onde a estagiária desenvolvia a sua prática letiva.

Este relatório encontra-se dividido em duas partes: "Parte I – Componente Investigativa", onde se relata o enquadramento teórico e o estudo realizado e "Parte II – Componente Reflexiva", na qual estão presentes as reflexões acerca das Práticas Educativas realizadas ao longo do mestrado.

A "Parte I – Componente Investigativa" está dividida em quatro capítulos: "Capítulo I – Contextualização", onde se explicitam as motivações que levaram à escolha deste tema, a sua finalidade, o enquadramento curricular e legislativo e a relevância da Proposta de Intervenção; "Capítulo II – Sexualidade, Educação e Reprodução Humana", onde consta a fundamentação teórica relativa à temática em causa; "Capítulo III – Percurso Metodológico" onde se encontra o desenvolvimento da Prática Educativa, explicitando as questões de investigação e objetivos, bem como as técnicas e instrumentos de recolha de dados, a sequência didática e os resultados; por último, o "Capítulo VI – Conclusões", onde são evidenciadas as conclusões do estudo.

A "Parte II – Componente Reflexiva" contempla as reflexões acerca das Práticas Educativas desenvolvidas durante o Mestrado, realizadas em contexto Pré-Escolar e no 1º CEB, e que apresentam uma retrospetiva de todo o percurso académico de formação.

Em suma, este Relatório Final contempla uma articulação entre a teoria e a prática através de um projeto investigativo, desenvolvido por alguém que assume,

simultaneamente o papel de estagiária e o de investigadora, procurando refletir, conscientemente, sobre as práticas pedagógicas vivenciadas.

PARTE I – COMPONENTE INVESTIGATIVA

CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1 - Motivação

A implementação de um projeto acerca do tema da Sexualidade e Reprodução humana teve como motivação pessoal o facto de ter uma afilhada que frequenta o 1º Ciclo de Ensino Básico (CEB). A certa altura do seu ainda crescimento, a Mariana perguntou-me de onde vinham os bebés, ao ver uma mulher passar com um carrinho. Nesse momento, senti um grande desconforto e dificuldade em responder-lhe por não saber se o tema seria adequado à idade que tinha, na altura 4, e quais as palavras corretas a utilizar.

A sexualidade é, ainda, um tema tabu do qual pouco ou nada se fala e, quando se fala, o tom utilizado é tom de "brincadeira", escolhendo palavras e histórias alternativas e inapropriadas (Robert, 2006, p. 5).

A educação em Sexualidade deve ser iniciada desde cedo sendo, cada vez mais, um tema que deve acompanhar o crescimento e desenvolvimento das crianças bem como a sua crescente curiosidade, desconstruindo conceções, uma vez que "A curiosidade sexual da criança constitui uma base fundamental do seu desenvolvimento global" (Veiga et al, 2001, p.37).

Neste sentido, para além da importância das famílias, os e as docentes devem trabalhar estes temas dentro e fora da sala de aula, servindo de suporte às famílias na abordagem das questões sobre sexualidade e reprodução humana. A este respeito, Marques et al (2002), referem: "Em educação sexual preconizamos a importância do recurso a uma prática pedagógica que apele à participação, iniciativa e desenvolvimento da consciência individual dos alunos, recorrendo a metodologias ativas favorecedoras do processo de ensino/aprendizagem." (p.52). "(...) apesar de, ainda hoje, a sexualidade e, logo, a educação sexual, serem temas que necessitam de um tratamento especial – porque envolvem tabus sociais importantes e porque se relacionam com a intimidade pessoal e familiar – os educadores e professores são frequentemente procurados pelos pais para obter apoio e alguma orientação" (p. 32).

Assim, no estágio realizado numa turma de 3º ano de escolaridade, foi implementada uma sequência de atividades que tinham como propósito os temas da Sexualidade e Reprodução humana, indo ao encontro das aprendizagens essenciais de Estudo do Meio, dentro do domínio da "Natureza", a saber: "Reconhecer que os seres vivos se

reproduzem e que os seus descendentes apresentam características semelhantes aos progenitores, mas também diferem em algumas delas" (Direção Geral da Educação, 2018, p. 6), com o objetivo de estimular a criatividade e o pensamento crítico e reflexivo dos/as alunos/as, como será mostrado ao longo deste relatório.

1.2 - Finalidade

Este projeto tem como finalidade a implementação de um projeto de intervenção em sala de aula com crianças do 1º CEB que contribua para um maior conhecimento científico sobre sexualidade e reprodução humana, ao permitir o esclarecimento de dúvidas.

1.3 - Enquadramentos Curricular e Legislativo

Para o 3º ano do 1º CEB, a educação sexual encontra-se destacada nas aprendizagens essenciais de Estudo do Meio. Para que isso fosse possível, foram também aprovadas leis que vão sustentar esta integração.

A 14 de outubro de 1986, foi aprovada a Lei de Bases do Sistema Educativo, referindo no artigo 47º a educação sexual como componente do desenvolvimento curricular. Neste ponto, é dito que "Os planos curriculares do ensino básico incluirão em todos os ciclos e de forma adequada uma área de formação pessoal e social, que pode ter como componentes a educação ecológica, a educação do consumidor, a educação familiar, a educação sexual, a prevenção de acidentes, a educação para a saúde, a educação para a participação nas instituições, serviços cívicos e outros do mesmo âmbito." (Decreto-Lei nº 46/86 de 14 de outubro de 1986). O Decreto-Lei 46/86 veio reformular a ideia de que a educação sexual é um ponto a ser trabalhado dentro da educação para a saúde, mostrando que são dois elementos diferenciados.

Mais tarde, apesar de já ter sido determinado pelo Despacho nº 25 995/2005 (2ª série), de 16 de dezembro, que as escolas, em protocolo com o Ministério da Saúde, integrassem a educação para a saúde nos projetos educativos, apenas com a criação da Lei nº 60/2009, a educação sexual passa a estar aplicada nos estabelecimentos de

ensino básico e secundário, como parte do currículo. Neste estão contempladas as finalidades da educação sexual, tais como: "a valorização da sexualidade e afetividade entre as pessoas no desenvolvimento individual, respeitando o pluralismo das concepções existentes na sociedade portuguesa"; "o desenvolvimento de competências nos jovens que permitam escolhas informadas e seguras no campo da sexualidade"; "a melhoria dos relacionamentos afetivo-sexuais dos jovens"; "a redução de consequências negativas dos comportamentos sexuais de risco, tais como gravidez não desejada e as infeções sexualmente transmissíveis"; "a capacidade de proteção face a todas as formas de exploração e de abusos sexuais"; "o respeito pela diferença entre as pessoas e pelas diferentes orientações sexuais"; "a valorização de uma sexualidade responsável e informada"; "a promoção da igualdade entre os sexos"; "o reconhecimento da importância de participação no processo educativo de encarregados de educação, alunos, professores e técnicos de saúde"; "a compreensão científica do funcionamento dos mecanismos biológicos reprodutivos" e "a eliminação de comportamentos baseados na discriminação sexual ou na violência em função do sexo ou orientação sexual".

No ano seguinte, através da aprovação da Portaria nº 196-A/2010, de 9 de abril, tornam-se visíveis os objetivos mínimos da área de educação sexual e os conteúdos a abordar nas diferentes áreas disciplinares, a começar no 1º CEB e terminando no Ensino Secundário. Para o 3º ano do 1º CEB, os objetivos encontram-se divididos entre objetivos gerais para o 1º CEB, como "Noção de corpo"; "O corpo em harmonia com a Natureza e o seu ambiente social e cultural"; "Noção de família"; "Diferenças entre rapazes e raparigas" e "Proteção do corpo e noção dos limites, dizendo não às aproximações abusivas" e objetivos específicos para o 3º e 4º anos, como "compreender a necessidade de proteger o próprio corpo, de se defender de eventuais aproximações abusivas, aconselhando que, caso se deparem com dúvidas ou problemas de identidade de género, se sintam no direito de pedir ajuda às pessoas em quem confiam, na família ou na escola".

Já em 2017 é divulgado o Referencial de Educação para a Saúde, que vem sustentar a legislação publicada até então. Este defende que "Sendo a Escola um lugar habitado por crianças e jovens, cujas idades são atravessadas pelos fenómenos de transformação

corporal e psicológica ligados ao crescimento natural, é nela que se vivem alguns dos primeiros e mais impressivos sentimentos e emoções decorrentes do desenvolvimento sexual. A sexualidade é vivida pelas crianças e jovens de formas diversas, de acordo com a vivência familiar, escolar e enquadramento socioeconómico". Assim, "A educação para a sexualidade para ter os resultados desejáveis terá de (…) construir modelos que promovam os valores e os direitos sexuais, sobre os quais os jovens possam desenvolver a sua própria identidade e o respeito para com os outros", sendo objetivos do 1º CEB no referencial apresentado "compreender e respeitar a diversidade na sexualidade (32) e na orientação sexual"; "analisar criticamente os diferentes papéis socioculturais em função do sexo"; "discutir o significado da promoção da igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres"; "identificar mudanças físicas e emocionais ao longo da vida"; "identificar a sexualidade como componente positiva do desenvolvimento pessoal e das relações interpessoais".

Com base na legislação e nas Aprendizagens Essenciais de 2018 do 3º ano, foi elaborada a Proposta de Intervenção "O que pensam crianças do 3º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico sobre Sexualidade e Reprodução Humana", cuja fundamentação teórica encontra suporte nos documentos apresentados.

1.4 - Relevância da Proposta de Intervenção Desenvolvida

A relevância da Proposta de Intervenção desenvolvida está ligada à importância da Educação em Sexualidade no âmbito da Educação para a Saúde, que tem o objetivo de criar oportunidades para a descoberta do corpo, de modo a contribuir para uma imagem positiva deste e da sua identidade sexual.

Segundo Re, M. (2007, p. 14), a sexualidade é uma estrutura dinâmica que constitui uma característica importante da identidade individual e que se divulga nas interações sociais do indivíduo, envolvendo sentimentos, sensações, perceções e opiniões no que toca ao nosso sexo. Assim, "(…) a nossa sexualidade está intimamente relacionada com outras dimensões da nossa vida, com a idade, a origem, a etnia, a religião, a situação socioeconómica, a orientação sexual, o acesso à educação e à saúde, e o valor que a sociedade atribuir a determinados aspetos da vida das pessoas" (Re, M. 2007). Ainda

nesta perspetiva, Sánchez e Santos (1986) consideram que "a sexualidade é o conjunto de manifestações e expressões biológicas, psicológicas e socioculturais que diferencia cada individuo como homem e como mulher no seu grupo social."

Quando a criança atinge os 6 anos de idade, entra numa fase de maior abertura à sociedade, sendo nesta idade que se torna consciente dos seus direitos, deveres e obrigações, tornando-se gradualmente mais responsável pelas suas ações individuais e para com os outros. Paralelamente a esta tomada de consciência existe, no entanto, uma grande preocupação por partes das famílias em garantir que a criança continue criança, estimulando o brincar, o chorar e a busca de proteção, algo que torna importante que, na passagem da Educação de Infância para o 1º Ciclo do Ensino Básico, exista uma preparação, não só das crianças e do corpo docente, mas também das famílias que estão intimamente ligadas a todos os aspetos da sua vida social. (Re, M. 2007, p. 27).

A criança cresce e a sua área de interesses torna-se mais vasta, com as experiências tidas na escola, nos clubes, com os amigos e a zona onde vivem. Todas estas áreas revelam um papel importante no desenvolvimento da sexualidade, uma vez que esta não se refere apenas à relação sexual, mas também às relações afetivas de carinho e amor que se manifestam de diversas formas de acordo com a idade e o género, religião e os valores pessoais. De acordo com Frade et al (2009, p.10) "(…) a Sexualidade é uma área extremamente rica e complexa dos comportamentos e sentimentos dos homens e das mulheres, e que, por isso, não pode nem deve ser abordada de forma rígida, ou através de quaisquer fórmulas ou receitas de comportamentos individuais."

Deste modo, o sistema educativo deverá reconhecer a importância da educação sexual, estimulando o fortalecimento da autoestima e autovalorização das crianças, veiculando conhecimentos adequados sobre o corpo, processos de mudança e evolução ao longo da vida. A Educação de Infância e o 1º Ciclo auxiliam, assim, o seu progresso saudável assegurando:

- "Uma apropriação adequada do seu corpo e da sua sexualidade, incluindo a autovalorização e a autoestima.
- Respostas claras e pertinentes às suas dúvidas relativas às questões da vida, do

amor, da reprodução, da família, da amizade, e das interações na instituição educativa.

- Modelos de homem e de mulher sem estereótipos, que considerem a diversidade dinâmica nos papéis e responsabilidades, no âmbito pela igualdade de direitos. (Re, M. 2007, p. 29)"

A escola terá de ter um papel ativo na promoção de aprendizagens que visem a consciência da sexualidade. No Plano de Ação da Conferência Internacional das Nações Unidas, de 1994, sobre População e Desenvolvimento é assinalado pela primeira vez na história e assinada pela maior parte dos países do mundo, que os direitos sexuais e reprodutivos são direitos humanos (citado por Re. M, 2007). No caso das crianças, são incluídos:

- Direito de receber informação apropriada acerca do seu corpo e da saúde sexual e reprodutiva, muitas vezes negada pelas normas morais ou da cultura do país.
- Direito a receber os cuidados necessários para a prevenção da doença.
- Direito a contar com instalações próprias no sistema de saúde, que não apresentem barreiras arquitetónicas, culturais e económicas para a criança.
- Direito a ser protegidas contra qualquer forma de abuso físico e mental, bem como contra todo a exploração sexual.
- Direito a receber educação sem discriminação de nenhum tipo, incluindo razões de sexo, condição socioeconómica, raça/etnia e nacionalidade.

Como já foi referido no capítulo anterior e mostrado neste, existe documentação legal nacional e internacional que garante a escrita dos direitos da criança. No entanto, a lacuna existente entre o papel escrito e a situação real é ainda preocupante. A pessoa adulta que se encontre em contacto com crianças no seu período laboral deverá ter conhecimento das suas obrigações relativas à Convenção dos direitos da Criança, tendo sempre como linha orientadora o "interesse superior da criança" (artigo 3, parágrafo 1 – Re, p. 45 e 46).

Apesar de estar previsto na Legislação, ainda há docentes que continuam a colocar de parte este tema, por não se sentirem confortáveis em o abordar com as suas turmas. O projeto que se apresenta sobre a Sexualidade e Reprodução Humana, desenvolvido com

crianças do 3º ano de escolaridade, poderá ser um contributo para a abordagem do tema em contexto escolar.

CAPÍTULO II – SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO E REPRODUÇÃO HUMANA

2.1 - Sexualidade

Para falar sobre Educação em Sexualidade importa começar pela apresentação de conceitos de Sexualidade globalmente aceites.

Giddens (1992) refere que a sexualidade tem sido descoberta ao longo dos tempos, sendo algo que cada ser humano "tem ou cultiva", funcionando como um "aspeto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a autoidentidade e as normas sociais" (p.25). Neste sentido, a UNESCO diz que se deve entender a complexidade da definição de sexualidade como algo fundamental para a vida humana e que abrange as dimensões "biológicas, sociais, psicológicas, espirituais, religiosas, políticas, legais, históricas, éticas e culturais que evoluem ao longo da vida" (2019, p.17). Para Veiga et al (2001a), "o conceito de sexualidade abrange as vertentes biológica (enquanto seres com corpo sexuado), psicológica (identidade de género, orientação sexual, autoimagem, relações afetivo-sexuais) e social (valores, comportamentos, normas e modelos)" (p. 12). Ainda na mesma ótica, Bruess e Schroeder (2014), identificam quatro dimensões essenciais da sexualidade: biológica (crescimento e desenvolvimento, aparência física, saúde reprodutiva e respostas sexuais), psicológica (emoções, experiências, autoconceito, motivação, comportamentos e atitudes aprendidos, entre outros), ética/ social (ideais, crenças religiosas, opiniões morais e valores) e acrescentam ainda a dimensão cultural (família, escola, costumes, leis, entre outros).

O conceito de sexualidade refere-se ainda, à realidade complexa da distinção entre homem e mulher e aos aspetos fisiológicos, psicológicos, biológicos, sociais e espirituais que ambos têm subjacente.

Segundo a Direção-Geral de Saúde (2001, p. 9) "a sexualidade é o que nos faz sentir mulheres ou homens; é uma forma de expressão física do amor e pode reforçar a relação amorosa; manifesta-se através das relações sexuais (...); é responsável pelos desejos e pelo prazer que acompanham habitualmente os pensamentos e as atividades sexuais". Também para a Organização Mundial de Saúde (OMS) sexualidade é um aspeto central do ser humano, relacionado com sexo, identidade pessoal, género, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e também reprodução. A OMS (2006) afirma ainda que "A sexualidade é vivenciada e expressa em pensamentos, fantasias,

desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem todas são sempre experimentadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, económicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais" (World Health Organization, 2020).

Ainda segundo a Organização Mundial de Saúde "A sexualidade é uma energia que nos motiva a procurar amor, contato, ternura e intimidade; que se integra no modo como no sentimos, movemos, tocamos, e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental" (Pereira, 2006, p. 15). Neste sentido é relevante ter conhecimento acerca do que somos e sentimos na realidade, acabando com os tabus, os estereótipos e com a falta de comunicação. "Saber do que se trata não só não tem mal nenhum, como é útil" (Paiva & Paiva, 2002, p. 38).

2.2 - Educação em Sexualidade e a sua importância na Escola

Quando falamos em qualquer tema, torna-se cada vez mais relevante falar sobre os conceitos inerentes. Não existe apenas um conceito de Educação, mas falando de Educação em Sexualidade existe uma preocupação no veicular de valores, do respeito individual e pelo outro, bem como a procura de afetos, sendo uma forma de preparação para a vida pessoal, social, comunitária e familiar futura, que "se alimenta em valores de vida, de civismo, de amor e de responsabilidade, de dignidade e de respeito humano" (Galvão, 2000, p. 14).

Ao abordar Educação e Sexualidade surgem, assim, três designações essenciais como *Educação para a Sexualidade*, *Educação Sexual,* e *Educação em Sexualidade*.

De acordo com Vitiello (1995), ao educar alguém estamos a formar, harmonizando condições para que o indivíduo cresça consciente e com sentido de responsabilidade para com os seus atos. A Educação para a Sexualidade torna-se, assim, fundamental para criar oportunidades de debate sobre comportamentos e atitudes de risco envolventes na sexualidade, promovendo a prevenção de problemas através do conhecimento sobre o próprio corpo. (Figueiró, 2009, citado por Tanferi, 2013). Neste

sentido, Serrão (2012) defende a terminologia "Educação para a Sexualidade, referindo que "educar para a sexualidade é preparar a pessoa para decidir sobre os seus comportamentos sexuais" (p. 78).

Para Veiga et al (2001, p.9) "A Educação Sexual torna-se cada vez mais necessária numa sociedade que parece estar bem informada, mas que, a julgar por dados objetivos, apresenta altos índices de desconhecimento e erro, tanto em jovens como adultos". A Direção-Geral da Educação (s.d.), refere que a Educação Sexual deverá ter caracter obrigatório para estudantes que frequentem estabelecimentos públicos ou privados no território nacional.

Maria Manuela Sampaio (1987, p. 19) definiu Educação Sexual como um aspeto afetivo que tem influência na formação da personalidade do indivíduo e na sua escolha de valores morais. A autora remete ainda para Kirlendall (1977), que utiliza a expressão "Educação da Sexualidade Humana" em detrimento de "Educação Sexual", apresentando uma perspetiva na qual a finalidade é a transmissão de conhecimentos e compreensão essenciais para uma orientação responsável do impulso sexual (Kirlendall, 1977, como referido por Sampaio, 1987).

O termo "Educação em Sexualidade" é utilizado pela OMS, como um conceito abrangente que deverá servir de guia para as escolas. Este defende que a sexualidade é um sentimento que nos incentiva a "procurar amor, contacto, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual: ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental." (OMS, citada por Vaz et al, 1996, p.42). É ainda utilizada pela UNESCO (2010), na publicação "Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade", definindo educação em sexualidade como um tema adequado à idade e relevante para o ensinamento sobre sexo e relacionamento, transmitindo informação cientificamente apropriada, realistas e sem pré-julgamentos, servindo como meio de exploração de valores e atitudes individuais que visam a tomada consciente de decisões e redução de riscos. (UNESCO, 2010, p. 2) No mesmo sentido, Serrão (2012) defende a mesma terminologia, referindo que "educar para a sexualidade é preparar a pessoa para decidir sobre os seus comportamentos sexuais" (p. 78).

Ainda neste sentido, a UNESCO (2010; 2014; 2018) entende que os programas em Educação em sexualidade devem ter como objetivos "aumentar conhecimentos e compreensão; explicar e esclarecer sentimentos, valores e atitudes; desenvolver ou fortalecer habilidades; e promover e sustentar comportamentos de redução de risco" (UNESCO, 2010, p. 3).

Dada a importância da Educação em Sexualidade, Sampaio (1987, p. 45) refere que "A ansiedade vem da ignorância não do conhecimento equilibrado." As ideias pré-concebidas 6são, muitas vezes, manipuladas pelas opiniões familiares ou de grupos que transmitem os seus valores e normas, como se dá o caso dos meios de informação e comunicação. Assim sendo, para que se torne possível alcançar um equilíbrio será necessário informações apropriadas sobre sexualidade e a promoção da igualdade entre ambos os sexos (Veiga, et al., 2001a).

De acordo com Egypto (2003) "(...) Trabalhar com a questão da sexualidade com crianças e adolescentes exige revisão de conceitos, superação de preconceitos e estereótipos, um olhar reflexivo sobre a própria sexualidade, lidar com tabus, medos, vergonhas. Exige dedicação e estudo." (p. 9)

Assim, Sampaio (1987) defende a educação sexual nas escolas, com a finalidade a diminuição da ignorância pela informação, incitar o desenvolvimento do indivíduo como um todo. Em 1987, Vilar como referido em Veiga et al (2001) define as finalidades da educação sexual como "i) o desenvolvimento de conhecimentos e atitudes positivas face ao corpo; ii) a integração positiva das manifestações sexuais no desenvolvimento pessoal; iii) a promoção de atitudes de autonomia e de tolerância em matéria de conduta sexual; iv) a mudança de atitudes no que respeita a papéis tradicionalmente atribuídos a mulheres e homens; v) o desenvolvimento de saberes e atitudes preventivas em matéria de saúde sexual" (p. 9).

Estando a Educação em Sexualidade incluída nas componentes do processo educativo global da criança, é imprescindível que a escola seja um dos meios de suporte no que toca a questões e dúvidas sobre Sexualidade e Reprodução Humana, quer da criança quer das famílias. No entanto, apesar deste tema ainda estar envolvido em "tabus sociais", ainda é à escola que os/as encarregados/as de educação procuram apoio e orientação nesta temática (Marques et al, 2002, p. 32).

Segundo Furlani (2011), é fundamental criar oportunidades para que crianças e jovens se envolvam em diálogos e debates sobre Sexualidade e Reprodução junto de todo o corpo escolar, salientando que a Educação em Sexualidade deverá ser abordada a título interdisciplinar tendo em conta os pontos de vista e vivências de cada aluno/a. Também para Fernandes (2006, p.55/56), a Educação em Sexualidade deve ser assegurada segundo as finalidades expressas por Sampaio (1987): "a) Reduzir a ignorância acerca dos problemas sexuais através da informação sexual; b) Desenvolver a pessoa como um todo, com vista a permitir um desenvolvimento pessoal integral; c) Melhorar as relações interpessoais; d) Estabelecer códigos morais pessoais em relação ao comportamento sexual." Desta forma, é de extrema importância os/as docentes estarem familiarizados com os diversos conceitos na abordagem à temática nas escolas, ultrapassando tabus e inseguranças.

2.3 - Reprodução Humana

A espécie humana, como todas as espécies sexuadas, utiliza a reprodução para se propagar. Para isso são necessários dois seres e é exigida a intervenção dos dois sexos, um homem e uma mulher. (Veiga et al, 2001a).

Um novo ser humano tem a sua origem na conjugação de uma célula reprodutora masculina – o espermatozoide, e uma célula reprodutora feminina – o óvulo ou ovócito.

Segundo Cohen et al (1999, p. 48), "Desde o nascimento até à puberdade os órgãos genitais constituem a única diferença entre o rapaz e a rapariga." São distinguidos pelos órgãos sexuais externos, vulva nas raparigas, escroto e pénis nos rapazes, constituintes dos caracteres sexuais primários.

Ao longo do desenvolvimento, a identidade sexual vai-se potenciando pelo aparecimento de caracteres sexuais secundários que, na puberdade, tornam mais visíveis as diferenças sexuais. Para Pereira (2006, p. 35) "a puberdade determina uma série de transformações nos aspetos morfológicos e no funcionamento do corpo masculino e feminino".

Nas raparigas é possível verificar o rápido crescimento num curto espaço de tempo, o aparecimento de pelos púbicos e axilares, as mamas vão crescendo e os mamilos ficam

mais salientes, a cintura fica mais estreita contrastando com a anca mais larga. É também na puberdade que os ovários aumentam, iniciando-se a ovulação (produção de óvulos, gâmeta/célula sexual feminina) e o aparecimento da menstruação.

Nos rapazes, é visível o aumento dos músculos e o aparecimento de pelos na zona púbica, axilas, peito, bigode e barba, o pénis cresce e fica mais grosso, os testículos iniciam a produção de espermatozoides (gâmeta/célula sexual masculina), ocorrendo a primeira ejaculação, e a voz vai sofrendo oscilações até que fique mais grave.

A ativação das glândulas sudoríparas e, consequentemente, o aumento da transpiração, a pele e o cabelo mais oleoso e o aparecimento de acne são, também transformações ocorridas na puberdade, sendo estas comuns aos dois sexos. (Matos, 1997a; Cohen, et al., 1999; Pereira, 2006).

Dentro dos vários sistemas do corpo humano, o sistema reprodutor é o único que apresenta diferenças de rapaz para rapariga.

O masculino situa-se na parte inferior da cavidade pélvica, dividindo-se em parte interna: testículos, epidídimos, canais deferentes, vesículas seminais, próstata e uretra; e parte externa: pénis e escroto. Na parte interna, os testículos, duas glândulas situadas no escroto, têm a função reprodutora, com a produção dos espermatozoides e a função hormonal, com a produção da hormona sexual masculina (testosterona); os epidídimos são tubos localizados na parte de trás dos testículos, nos quais vão ser amadurecidos os espermatozoides; os canais deferentes transportam os espermatozoides até à uretra; as vesículas seminais vão produzir o líquido no qual são transportados os espermatozoides; a próstata produz o líquido que protege as células sexuais; e a uretra, canal comum aos sistemas reprodutor e urinário, transporta o esperma e a urina.

O pénis é um órgão com forma cilíndrica que contém na sua extremidade a glande, uma zona extremamente sensível, e encontra-se encoberto por uma pele fina denominada de prepúcio. É através do pénis que é expelido o sémen/esperma e a urina. O escroto é a bolsa localizada baixo do pénis onde se encontram alojados os testículos.

O sistema reprodutor feminino está, na sua maioria, localizado na parte inferior da cavidade pélvica. É também dividido por parte interna: ovário, trompas de Falópio, útero e vagina; e parte externa: vulva; apresenta, também, outra região na qual estão situadas

as glândulas mamárias.

Os ovários são estruturas em forma de amêndoa que têm função reprodutora, pela produção de gâmetas femininos (óvulos) e hormonal, pela produção das hormonas feminina (estrogénio e progesterona), importantes no desenvolvimento do sistema reprodutor e na regulação do ciclo menstrual. São o centro do controlo do processo de ovulação.

As trompas de Falópio são dois canais que ligam os ovários ao útero e através dos quais o óvulo viaja.

A vagina é um canal de ligação do útero ao exterior do corpo. A vulva, situada no exterior, é constituída pelo clítoris, uma prega sensível, orifício urinário, orifício vaginal e pequenos e grandes lábios.

A menstruação, ou "período", é a indicação física do ciclo que existe no interior da mulher, orientado por químicos denominados hormonas, produzidos pelas glândulas do órgão reprodutor e pelo cérebro humano, e promotoras das alterações visíveis na puberdade, como o aumento dos seios. A regulação da ovulação e, portanto, do ciclo menstrual, resulta da interações entre gonadotrofinas, glândulas onde são segregadas as células sexuais, e respetivos recetores no ovário.

Este processo ocorre deste o primeiro dia da menstruação até ao primeiro dia da menstruação seguinte, tendo uma duração variável de 21 a 31 dias, numa média de 28. O período fértil feminino, período em que a fecundação é mais favorável, inclui os dias que antecedem e sucedem o 14º dia do ciclo, contando sempre a partir do primeiro dia da menstruação. (Martins & Gama, 2017).

Por fim, as glândulas mamárias são glândulas existentes na mama e que são responsáveis pela produção de leite aquando da gestação.

A reprodução humana é caracterizada por práticas sexuais e socioculturais decisivas na identidade sexual de cada indivíduo. Reproduzir-se sexualmente exige a produção de gâmetas (femininos e masculinos), o depósito de espermatozoides no interior da vagina, a fecundação dos gâmetas, implantação do embrião na parede uterina e a expulsão do bebé.

Este processo inicia-se pela fecundação, união do gâmeta feminino (óvulo) e do gâmeta masculino (espermatozoide), originada pela relação sexual desprotegida.

Os espermatozoides chegam à cauda do epidídimo – local de armazenamento - aproximadamente 72 dias após o início da espermatogénese (processo fisiológico no qual são produzidos). Têm uma parte globosa, a cabeça, onde está contido o núcleo, e sobre ele o acrossoma (vesícula com enzimas proteolíticos) e um flagelo ou cauda, estrutura complexa de microtúbulos e fibrilhas que, na porção junto à cabeça, é rodeado por mitocôndrias, constituindo a denominada peça intermediária. Dos cerca de 150 a 200 milhões depositados na vagina, menos de 200 espermatozoides atingem a vizinhança do ovócito, sendo a maior perda na vagina mas existindo também fenómenos de fagocitose dos espermatozoides ao longo do trajeto pelos genitais internos.

Para se tornarem fecundantes sofrem um conjunto de alterações – capacitação, que se inicia durante a passagem pelo colo uterino, adquirindo a capacidade para sofrerem a reação acrossómica; capacidade para se ligarem à zona pelúcida; hipermotilidade

A ovulação é precedida por algumas alterações nas concentrações hormonais sanguíneas que desencadeiam nos folículos os fenómenos que culminam com a libertação do ovócito. Os níveis de estrogénio, até então de subida lenta, começam a aumentar de modo rápido cerca de dois dias antes da ovulação, atingindo um máximo 24 a 36 horas antes desta.

Antes da ovulação, o folículo aumenta subitamente de dimensões, aproximando-se da superfície do ovário e tona-se mais vascularizado. A pequena zona que irá corresponder ao local da rotura, - o estigma, é visível antes da ovulação.

Enquanto os espermatozoides são produzidos em grande número, de modo praticamente constante ao longo da vida reprodutora do homem, o organismo da mulher disponibiliza para o processo reprodutivo um óvulo em intervalos aproximados de 4 semanas, durante cerca de 35 anos.

É nas trompas de Falópio que pode ocorrer a fecundação, no caso de o ovócito encontrar um espermatozoide que penetre com êxito nas barreiras que o rodeiam, seguindo-se a fusão dos patrimónios cromossomáticos, com a formação de um zigoto, originando um feto que se irá desenvolver até ao nascimento do bebé no útero, órgão

musculoso e elástico.

A primeira célula do novo ser é criada, iniciando-se a divisão da mesma no caminho até ao útero. O embrião fixa-se na parede uterina (nidação) originando, assim, a formação da placenta (estrutura que possibilita a troca de nutrientes e oxigénio), cordão umbilical (responsável pela divisão do sistema circulatório da mãe e do bebé, impedindo a mistura de sangue) e saco amniótico (membrana cheia de líquido amniótico que protege o novo ser de choques e diferenças, facilitando os seus movimentos).

O crescimento do embrião demora cerca de 40 semanas (266 dias ou 280 dias após o primeiro dia da última menstruação): o 1º trimestre (período embrionário), no qual se desenvolvem os principais sistemas do corpo humano no embrião, como os membros rudimentares e o coração; o 2º trimestre (período fetal), no qual se formam todos os órgãos; o 3º trimestre, no qual o feto completa o desenvolvimento e o organismo materno se prepara para o parto (Matos, 1997a; Cohen, et al., 1999; Veiga et al., 2001). Neste ponto, o feto coloca-se numa posição invertida no útero de modo a facilitar a saída.

A gravidez normal termina com o parto, que não é um acontecimento momentâneo, pelo contrário, corresponde a um conjunto de fenómenos que se estende ao longo de algum tempo, e que dá origem à denominação de natureza mais dinâmica e evolutiva, de “trabalho de Parto”.

“O parto é a saída do bebé para o exterior” (Direção-Geral de Saúde, 2001, p. 19). Esta pode acontecer de forma natural, através da vagina ou através de intervenção cirúrgica, por cesariana. Durante o parto existe a expelição do bebé, da placenta e membranas que o sustentam, ocorrendo entre as 37 e as 40 semanas.

No caso do bebé se encontrar na posição necessária, existe o parto normal que conta com três fases: a dilatação do colo do útero, o período de expulsão do bebé e o período de expulsão da placenta.

“O parto é desencadeado pelas contrações dos músculos da parede do útero, que provocam a dilatação do colo do útero; a rotura da zona inferior do saco em que está o bebé (a rotura pode ter que ser provocada pelo médico ou pela parteira); a descida da cabeça do bebé através do canal vaginal, a saída da cabeça e depois, com a ajuda da

parteira, do corpo do bebé, pela vagina e vulva" (Ministério-Geral da Saúde, 2001, p. 22). Durante este processo, o útero sofre contrações de modo a alargar o colo do útero e a facilitar a descida do novo ser.

Dando-se o caso de a cabeça da criança não passar pela bacia ou em caso de risco de vida, o parto realiza-se através de cesariana, recorrendo a uma intervenção cirúrgica, na qual é feito um corte da parede abdominal até ao útero que, após a saída do bebé, será suturado.

CAPÍTULO III – PERCURSO METODOLÓGICO

3.1. Questões de Investigação e Objetivos

O presente projeto de intervenção foi implementado no âmbito do estágio realizado numa turma de 3º ano de uma escola do 1º Ciclo do Ensino Básico no meio rural de uma freguesia do concelho de Coimbra. A escola apresenta uma turma por ano de escolaridade, sendo a do 3º ano a mais pequena, constituída por apenas 14 crianças (pontualmente 15, com o acolhimento de um estudante ucraniano).

Partindo da questão de investigação "O que pensam as crianças do 3.º ano do 1º CEB sobre Sexualidade e Reprodução Humana?", o projeto teve como finalidade compreender as conceções que as crianças têm acerca das diferenças entre as mulheres e os homens, bem como sobre a reprodução. Foram formulados os seguintes objetivos:

- Compreender as conceções das crianças acerca das diferenças entre as mulheres e os homens e sobre a reprodução;
- Criar e implementar uma proposta de intervenção adequada às questões e necessidades da turma;
- Avaliar o impacto e as aprendizagens da turma após a implementação.

A proposta de investigação "O que pensam crianças do 3º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico sobre Sexualidade e Reprodução Humana:" tem como base uma pesquisa qualitativa, de tipo descritivo e interpretativo.

De acordo com Denzin e Lincoln (2003), como referido em Amado (2016), o termo "qualitativo" destaca a qualidade de conteúdos "que não são examináveis experimentalmente nem mensuráveis, em termos de quantidade, crescimento, intensidade ou frequência

Segundo Silva e Dixe (2020), este tipo de investigação é centrada no contexto, na experiência, na individualidade do acontecimento e como é vivido por cada um. Cada fenómeno é contextualizado histórica e socialmente, passível de interpretação subjetiva, podendo existir "várias realidades" sujeitas a interpretação, característica própria da investigação qualitativa, colocando a descrição e interpretação das informações num papel de destaque. Para Sousa e Baptista (2011, p. 56), a "investigação qualitativa centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes ou os valores." As autoras indicam ainda que a esta investigação é de caracter indutivo e

descritivo, dependendo da forma como o/a investigador/a vai desenvolver os conceitos e ideias através dos padrões observados dos dados facultados. Desta forma, a metodologia qualitativa baseia-se na descrição de um problema e na sua caracterização, tendo como base a experiência e o significado atribuído, focando-se no "o quê", "como", e "porquê" (Forthin, 2009; Gerrish & Lathlean, 2016, citado por Silva e Dixe, 2020).

Assim, o/a investigador/a deverá respeitar um conjunto de fases características da investigação qualitativa. Inicia com *a definição do problema (1)*, sendo que terá de ter a preocupação desta estar descrita de forma apelativa para o público-alvo. Daqui irá surgir a *questão de investigação geral (2)*, orientando o tipo de investigação qualitativa de acordo com a mesma, da qual surgirão *os objetivos (3)*, ou seja, o que se pretende alcançar com a investigação. O estabelecimento destes últimos vão guiar a planificação da investigação, definindo, desta forma, *a metodologia a utilizar (4)*. Neste momento, é necessário que seja definido o contexto, o público-alvo, a forma como os dados serão recolhidos, podendo ser utilizadas entrevistas, narrativas, observação, ou notas de campo implementando, assim, a *recolha de dados (5)*, *tratamento dos mesmos (6)* e a *sua consequente análise (7)*. Este método poderá gerar confusão entre estas últimas 3 fases, uma vez que no seu decorrer, poderão surgir *novas questões de investigação (8)*, criando necessidade de adaptação do projeto de modo que sejam respondidas (Silva & Dixe, 2020). As autoras referem, também, que a revisão literária neste método deverá ser contínua, mesmo incidindo mais no início e fim do projeto, garantido uma resposta sustentada às questões abordadas.

Para este tipo de investigação, torna-se essencial que o/a investigador/a compreenda a complexidade dos/as participantes, de modo a conseguir descrever e interpretar as informações recolhidas.

3.2. Participantes

A turma do 3º ano que participou no estudo era constituída por 14 crianças, 7 rapazes e 7 raparigas (N=14). No estudo, apesar de a turma ser constituída por 14 crianças, apenas

foram contabilizados os materiais de 13, uma vez que a participação de uma aluna foi muito inconstante, não havendo forma de garantir as suas aprendizagens (N=13).

De modo a garantir o anonimato das crianças participantes, foi utilizada uma codificação[1]. (apêndice 1).

Relativamente ao aproveitamento, a turma era muito heterogénea, havendo crianças com um aproveitamento muito bom e outras com aproveitamento insuficiente.

3.3. Recolha de Dados

A recolha de dados é feita através de um conjunto de métodos que, segundo Madeleine Grawitz (1993, p. 193) são definidos como "um conjunto concertado de operações que são realizadas para atingir um ou mais objetivos, um corpo de princípios que presidem a toda a investigação organizada, um conjunto de normas que permitem selecionar e coordenar as técnicas."

Estas técnicas são, segundo Carmo e Ferreira (2008, p. 193) "procedimentos operatórios rigorosos, bem definidos, transmissíveis, suscetíveis de serem novamente aplicadas nas mesmas condições, adaptados ao tipo de problema e aos fenómenos em causa."

As técnicas e instrumentos tornam-se assim, elementos importantes, uma vez que é deles que vão depender a qualidade e êxito da investigação, principalmente na investigação qualitativa, como é o caso do presente projeto que será apresentado.

O ponto de partida do estudo qualitativo foram as conceções de crianças do 3º ano de escolaridade sobre o tema "Sexualidade e Reprodução humana", procurando desconstruir ideias pré-concebidas.

Esta investigação foi dividida em três fases: Fase I – Entrega do questionário inicial; Fase II – Intervenção (planeada para 7 sessões); e Fase III – Entrega do questionário para avaliação do impacto das intervenções. Ao longo do projeto, a recolha de dados foi realizada através de registos escritos, de observação participante, de registos áudio e fotográficos e da análise de documentos escritos pelas crianças.

[1] Exemplo: AM1 (aluno nº 1, masculino)

Ainda que o tema esteja inserido nas Aprendizagens Essenciais de Estudo do Meio do 3º ano de escolaridade, antes de ser iniciado o projeto foi entregue a cada criança uma autorização, solicitando permissão das famílias para a recolha de dados audiovisuais afim da realização da proposta (apêndice 2).

O instrumento inicial de recolha de dados foi o questionário. De acordo com as autoras Marconi e Lakatos (2011, p. 86), "o inquérito é um instrumento de coleta de dados onde o pesquisador envia perguntas ao grupo pesquisado e recolhe-o depois de preenchido". Para Gil (1999, p. 128) "o questionário é uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos de opiniões, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, etc", sendo necessário, nesta utilização, ter atenção aquando da elaboração das questões, que devem ser adequadas ao estudo em causa.

É importante reforçar que o mesmo questionário foi entregue em dois momentos distintos. Em ambas as situações, a turma respondeu sem qualquer tipo de consulta. Foi denominado inicial para o conhecimento das conceções da turma e denominado final, de modo a observar as aprendizagens de cada criança (apêndice 3). Foi informada a importância da resposta às questões tendo apenas por base os próprios conhecimentos, explicitando o objetivo desta proposta inicial.

No decorrer do projeto, foram utilizados métodos como a observação participante e entrevistas em grupo, não estruturadas, bem como a realização de desenhos e tarefas de grupo.

A observação direta, que consiste na recolha de informação através do contacto direto com situações específicas é, para Denzin (1989, p. 42) "tentativa de tornar significativo o mundo que está a ser estudado na perspetiva dos que estão a ser observados", implicando para o investigador que este assuma um papel de participante nos diversos cenários de aprendizagem e de observador, para retirar de forma rigorosa e objetiva aquilo que observa (Morgado, 2012, p. 89).

A entrevista, sendo uma das técnicas mais comuns na compreensão do ser humano, consiste numa conversa entre duas ou mais pessoas, com o propósito de obter informação. Pode ser implementada de forma estruturada ou não estruturada/em

profundidade, individualmente ou em grupo. No caso do presente projeto, foi utilizada a entrevista não estruturada/em profundidade em grupo. Em grupo, com a finalidade de discutir um tópico/tema específico, com um grupo de pessoas escolhidas para o efeito. Não estruturada/em profundidade, adotando um dinamismo, flexibilidade e abertura não existentes na entrevista estruturada.

Os trabalhos de grupo, sendo estes constituídos por um grupo de pessoas com um objetivo comum, centrado numa tarefa e mobilizado a aprender e a pensar em prol da resolução da mesma, interagindo no sentido de um objetivo comum, permite um trabalho cooperativo centrado na articulação das necessidades do grupo e comunicação entre os vários elementos do grupo na resolução do problema.

A utilização dos desenhos teve também um papel importante. Os desenhos são classificados como linguagem não verbal e, de acordo com Derdyk (2003) traduz uma visão a partir de um pensamento, que revela um conceito. Para Baptista (2009), os desenhos são imagens, representações da realidade que são interpretadas pelos indivíduos. Desempenham, assim, um papel importante na construção das representações sociais, uma vez que se trata de uma das formas mais remotas de comunicação da humanidade, mesmo antes da fala e da escrita. Para projetos como o presente, são extremamente úteis para analisar a forma como a criança sente, vê e pensa sobre o mundo, revelando como a mesma constrói significados para um determinado tema ou conteúdo em estudo.

Após a implementação do questionário inicial, começaram as sessões de intervenção. As tarefas da Fase II basearam-se na realização de propostas adequadas à turma em questão, permitindo avaliar se compreendiam bem o tema, pela adequabilidade das suas respostas. Estas propostas dividiram-se em sete sessões, como é possível ver na tabela 1.

3.4. Sequência Didática

A investigação decorreu no 3º período do ano letivo 2021/2022, no último mês, tendo sido realizada em sala de aula e na sala de ATL/biblioteca/apoio. Giordan (1994) refere, citado por Teixeira (1999, p. 76) que “a situação escolar como meio de aprendizagem é

caraterizada pela multiplicidade de interações num grupo de alunos que tem uma existência institucional no tempo e pela intervenção de um professor que adapta a sua ação em função das caraterísticas do grupo de alunos e do seu projeto pedagógico."

A sequência didática realizou-se ao longo de dez sessões, num total de 13horas e 30minutos, como mostra o quadro seguinte. Antes de iniciar a sequência didática foi colocada uma caixa na sala de aula para que as crianças pudessem colocar (anonimamente ou não, foi deixado ao critério da turma) as questões e curiosidades que tivessem em relação ao tema em questão.

Tabela 1

Sequência didática desenvolvida ao longo do estudo

Sessões	Dia	Duração	Objetivos
1ª Sessão	6 de junho de 2022	1h	Conhecer as conceções da turma do 3º ano, através de um questionário inicial.
2ª Sessão	6 de junho de 2022	1h	Entender a forma como a turma vê o homem e a mulher.
3ª Sessão	13 de junho de 2022	1h	Distinguir o homem da mulher.
4ª Sessão	21 de junho de 2022	1h15min	Confrontar ideias através dos produtos das sessões anteriores.
5ª Sessão	22 de junho de 2022	1h30min	Ler o livro "As Mulheres e os Homens", finalizando o primeiro conjunto de sessões.
6ª Sessão	23 de junho de 2022	1h	Iniciar o segundo conjunto de sessões, expondo as respostas dadas pela turma nos questionários iniciais.
7ª Sessão	24 de junho de 2022	1h30min	Ler e interpretar o livro "Como se Fazem os Bebés" de Rachel Greener, abordando a relação sexual, gestação e parto.

8ª Sessão	28 de junho de 2022	2h15	Explorar o livro "Como se fazem os bebés", de Rachel Greener
9ª Sessão	20 de junho de 2022	1h30	Responder às questões colocadas na caixa e visualizar um vídeo explicativo.
10ª Sessão	30 de junho de 2022	1h	Conhecer as aprendizagens, através de um questionário final.

No decorrer do projeto, cada sessão contou com um objetivo diferente dando, inicialmente oportunidade às crianças de explorarem os seus conhecimentos, confrontando-os, posteriormente, com o saber cientificamente aceite, através da leitura e exploração dos livros "*Será Que a Joaninha tem Pilinha?*", *"Os homens e as mulheres"* e *"Como se Fazem os Bebés"*.

Este projeto estava dividido em dois conjuntos de sessões, sendo que o primeiro era relativo à identidade de género e, o segundo, dentro do tema da sexualidade, ligado à forma como os bebés são feitos e de onde vêm.

Tabela 2

Planificação da 1ª sessão

Sessão 1 (6 de junho) – *Entrega dos Questionários Iniciais*	
Áreas do conteúdo: Estudo do Meio, Cidadania	**Duração: 1 hora**
Modalidade de trabalho: Individual	
Ideia - chave: Conceções	
Objetivo geral: Compreender as conceções que as crianças têm acerca das diferenças entre mulheres e homens e sobre a reprodução.	
Materiais: Questionários.	

Na primeira sessão foi entregue um questionário inicial de forma a conseguir ver quais eram as conceções das crianças relativas aos temas a abordar nos dois conjuntos de sessões. Durante a realização dos questionários, apenas foram respondidas questões da turma que não estavam relacionadas com o conteúdo das questões que tinham de realizar, pois o objetivo será saber quais as suas conceções.

Tabela 3

Planificação da 2ª sessão

Sessão 2 (7 de junho) – *Como eu me vejo/Como, vejo o outro*
Áreas do conteúdo: Estudo do Meio, Cidadania **Duração: 1 hora**
Modalidade de trabalho: Individual
Ideia - chave: Diferenças físicas entre homem e mulher
Objetivo geral: Compreender, através de desenhos, a forma como cada criança vê o seu próprio género (ao desenhar-se a si própria) e alguém de outro género Identificar estereótipos.
Materiais: Fichas “Como Eu Me Vejo”, “Como eu vejo o outro”.

A segunda sessão contou com a entrega às crianças de duas folhas nas quais tinham de desenhar como se viam individualmente (“Como eu me vejo”) e alguém de outro género (“Como vejo o outro”). Com estes desenhos era pretendido examinar, principalmente, se existiam alguns estereótipos ao desenhar o género diferente do próprio, através das características escolhidas pela turma. Estes desenhos eram livres, não tendo sido dada qualquer orientação relativa à forma como deveriam desenhar os dois géneros, para que fosse possível perceber a visão da turma neste assunto.

Tabela 4

Planificação da 3ª sessão

Sessão 3 (13 de junho) - *Sessão a Pares*	
Áreas do conteúdo: Estudo do Meio, Cidadania	**Duração: 1 hora**
Modalidade de trabalho: Pares/Trio	
Ideia - chave: Trabalho colaborativo[2], diferença entre homem e mulher	
Objetivo geral: Perceber o que as crianças entendem sobre o que é ser homem e o que é ser mulher.	
Materiais: Ficha de trabalho "Ser homem é…" /" Ser mulher é…"	

Na terceira sessão, a turma foi dividida em pares, tendo existido um trio no qual constava uma aluna em ensino a distância pela infeção do vírus SARS-COV 2. Foi distribuída uma folha de exploração das questões "Ser mulher é…" e "Ser homem é…". Era esperado que, após debate em pequenos grupos, as crianças chegassem a um consenso acerca do que para cada uma era ser homem e ser mulher, tanto ao nível físico como de personalidade. À semelhança dos desenhos da sessão anterior, as perguntas eram abertas, tendo sido dito que não existiam respostas corretas, dando espaço para que a turma pudesse responder livremente, de modo que fosse, novamente possível observar as conceções da turma.

Tabela 5

Planificação da 4ª sessão

Sessão 4 (21 de junho) – *Confronto de Ideias*	
Áreas do conteúdo: Estudo do Meio, Cidadania	**Duração: 1 hora e 15 minutos**
Modalidade de trabalho: Grande Grupo	

[2] Trabalho colaborativo - 'Colaboração (co-elaborar 'elaborar em conjunto') – Numa equipa de trabalho, há intervenção de todos os elementos nas tomadas de decisão, implicando, de facto, uma negociação. Mas parece não haver um propósito claro de divisão de tarefas especificas à partida. Em contexto educativo, é o próprio grupo que se organiza para chegar à resolução do problema, e o/a docente não intervém tanto nesta decisão.'

Ideia - chave: Confronto de ideias
Objetivo geral: Refletir sobre as diferenças entre homens e mulheres, com base nas tarefas realizadas nas sessões anteriores.
Materiais: Desenhos da sessão 3, ficha de trabalho "Tarefas realizadas em casa".

A quarta sessão contou com o início do debate dos produtos realizados nas sessões anteriores. Para este, os desenhos feitos na segunda sessão foram colocados no quadro, tendo sido organizados por género, ou seja, de um dos lados estavam os desenhos relativos à forma como os rapazes se viam e como as raparigas os viam, e no outro lado o contrário. Foram feitas questões orientadoras como "De que lado vos parece que estão desenhos relativos ao género masculino e feminino?" e "Porque dizem isso?". Após as respostas dadas pela turma, esta foi confrontada com o pensamento "Porque é que um homem não pode ter o cabelo comprido e usar cor-de-rosa?", iniciando o debate acerca dos estereótipos criados pela sociedade para definir o homem e a mulher.

Tabela 6

Planificação da 5ª sessão

Sessão 5 (22 de junho) – *Final da Primeira Parte*	
Áreas do conteúdo: Estudo do Meio, Cidadania	**Duração: 1 hora e 30 minutos**
Modalidade de trabalho: Grande Grupo	
Ideia - chave: Remate de ideias	
Objetivo geral: Sistematizar as aprendizagens realizadas, através da leitura e interpretação do livro "As Mulheres e os Homens".	
Materiais: Livros "Será que a Joaninha tem Pilinha?", "As Mulheres e os Homens" e "Todos Fazemos Tudo".	

Na quinta, o debate foi continuado, dando a conhecer livros que iriam dar suporte ao tema, como "*Será que a Joaninha tem Pilinha?"* e "*As Mulheres e os Homens"*, ambos relativos às características físicas e de personalidade dos homens e das mulheres. Durante este debate, as crianças foram conversando livremente e fazendo questões ao longo das leituras, acabando por ter uma opinião unânime relativa à igualdade de desempenho do homem e da mulher, terminando dizendo que não há nada que o homem faça que a mulher não consiga fazer também.

Após esta conclusão, foi feita a questão "Qual é a única coisa que a mulher consegue fazer que o homem por mais que tente e queira, não consegue?", de modo a terminar o tema do primeiro conjunto de sessões e dando início ao conjunto seguinte. Foram dadas várias respostas a esta questão que acabavam por ser refutadas quer pela professora investigadora quer por outros/as colegas, tendo chegado à resposta final "Engravidar." Assim, o tema seguinte foi introduzido.

Tabela 7

Planificação da 6ª sessão

Sessão 6 (23 de junho) – *Início da Segunda Parte*	
Áreas do conteúdo: Estudo do Meio, Cidadania	**Duração: 1 hora**
Modalidade de trabalho: Grande Grupo	
Ideia - chave: Conceções acerca de "Como se Faz um Bebé?"	
Objetivo geral: Analisar as respostas dadas ao questionário.	
Materiais: Tiras com as respostas dadas ao questionário, ímanes.	

Com a sexta sessão, o novo tema foi iniciado a partir das respostas dadas às perguntas do questionário inicial relativas à segunda parte do projeto. Para isso, foram afixadas as respostas escritas em pedaços de papel e agrupadas de acordo com a questão que

pretendiam responder. Estas respostas estavam escritas nunca divulgando o nome da criança que a deu e todas elas foram lidas e debatidas uma a uma com a turma, confrontando as respostas e chegando a um consenso. Nesta sessão foi possível ver o interesse das crianças, através do entusiasmo dado na resposta às questões e na vontade de querer saber mais sobre o tema.

Tabela 8

Planificação da 7ª sessão

Sessão 7 (24 de junho) – *Como se faz um bebé*	
Áreas do conteúdo: Estudo do Meio, Cidadania	**Duração: 1 hora e 30 minutos**
Modalidade de trabalho: Grande Grupo	
Ideia - chave: "Como se Faz um Bebé?"	
Objetivo geral: Ler e analisar o livro "Como se Fazem os Bebés", de Rachel Greener de modo a responder às questões colocadas na caixa.	
Materiais: Livro "Como se Fazem os Bebés", de Rachel Greener.	

Na sétima sessão foi lido o livro "*Como se Fazem os Bebés"*, abordando a relação sexual, a gestação e o parto respondendo, de forma geral, às questões abordadas na sessão anterior.

Tabela 9

Planificação da 8ª sessão

Sessão 8 (28 de junho) – *Como se faz um bebé*	
Áreas do conteúdo: Estudo do Meio, Cidadania	**Duração: 2 horas e 15 minutos**

Modalidade de trabalho: Grande Grupo
Ideia - chave: "Como se Faz um Bebé?"
Objetivo geral: Ler de novo e analisar o livro "Como se Fazem os Bebés", de Rachel Greener de modo a responder às questões colocadas na caixa.
Materiais: Livro "Como se Fazem os Bebés", de Rachel Greener.

Na oitava e penúltima sessão, o livro foi lido mais uma vez e, no final, foi dado tempo às crianças para colocarem as questões com que tivessem ficado. Neste momento, foi possível observar que muitas das questões deixaram de ser hipotéticas para concretas e pessoais.

Tabela 10

Planificação da 9ª sessão

Sessão 9 (28 de junho) – R*esponder às questões da caixa e visualizar um vídeo*	
Áreas do conteúdo: Estudo do Meio, Cidadania	**Duração: 1 hora e 30 minutos**
Modalidade de trabalho: Grande Grupo	
Ideia - chave: Sistematização de aprendizagens	
Objetivo geral: Visualizar um vídeo e sistematizar as aprendizagens através da resposta às questões colocadas na caixa antes do início do projeto.	
Materiais: Caixa; questões.	

Na nona sessão, foi visualizado um vídeo[3] sobre o percurso do espermatozoide no útero e utilizada a caixa entregue à turma no início do projeto, de modo a sistematizar as aprendizagens ao longo das sessões.

Foram retiradas questões da caixa, de forma aleatória, e dada oportunidade de resposta às crianças.

Tabela 11

Planificação da 10ª sessão

Sessão 10 (30 de junho) – *Entrega dos Questionários Finais*	
Áreas do conteúdo: Estudo do Meio, Cidadania	**Duração: 1 hora**
Modalidade de trabalho: Individual	
Ideia - chave: Aprendizagens	
Objetivo geral: Verificar as aprendizagens das crianças durante as sessões, por comparação.	
Materiais: Questionários finais	

A última sessão serviu para que a turma pudesse responder às questões da caixa, tendo por base as aprendizagens realizadas ao longo do projeto. Foi ainda aplicado o questionário final, de forma a verificar as aprendizagens individuais das crianças.

3.5. Análise dos dados e apresentação dos resultados

De modo a proceder ao tratamento dos dados foi necessário analisar o conteúdo das respostas e desenhos elaborados pelas crianças, iniciando pela análise das conceções da turma.

[3] Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/shorts/4JOgpcY1fWY

Este tratamento é feito com base na pesquisa qualitativa, uma vez que não só não incide na enumeração de conteúdos, mas se envolve na obtenção de dados descritivos segundo a perspetiva dos indivíduos participantes do estudo. (Godoy, 1995, p. 58). Deste modo, serão apresentadas respostas e desenhos realizados nas atividades propostas.

De acordo com Mucchielli (1988), como referido em Teixeira (2000), analisar o conteúdo é "procurar as informações que aí se encontram, atribuir o sentido ou os sentidos ao que é apresentado, formular e classificar tudo o que contém esse documento ou essa comunicação." (p. 125). Serão, assim, apresentadas evidências na análise e discussão dos dados obtidos, contemplando todas as respostas dadas, uma vez que estas são representativas das ideias das crianças acerca do tema apresentado.

De seguida, serão apresentadas análises dos resultados das várias propostas desenvolvidas, de acordo com a cronologia de implementação, seguindo a ordem apresentada na tabela 1.

Proposta de trabalho inicial (antes da intervenção) – Questionário Inicial

Como já foi referido, antes da intervenção foi entregue um questionário à turma de modo a conhecer as conceções das crianças acerca do tema. As respostas foram, após levantamento, divididas em várias Categorias de Resposta (CR), o que permitiu à investigadora interpretar o que é dito. As questões implementadas foram as seguintes.

Questão nº 1 – *Uma mulher é…*

A questão nº 1 da proposta pedia que as crianças descrevessem o que, para si, era uma mulher. Entre as respostas variadas, foi possível organizá-las em quatro CR, sendo a CR com mais respostas dadas foi a **CR1 - Uma mulher é uma pessoa/ser humano/mãe/do género/sexo feminino/com vagina/mamas/pode ficar grávida/ter ou não filhos(as)/bebés/dá bebés,** com um total de onze (N=11) respostas.

Tabela 12

Levantamento de dados 1ª questão[4]

Uma mulher é…			
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**	
Uma mulher é uma pessoa/ser humano/humano/mãe/do género/sexo feminino/com vagina/mamas/pode ficar grávida/ter ou não filhos(as)/bebés/dá bebés.	"(…) é uma pessoa do género feminino…" (AF1) "… é um humano que pode ter filhos." (AF3) "Uma pessoa que tem mamas grandes…" (AF4) "(…) um ser humano que pode ter filhos ou não" (AF5) "Uma pessoa que tem uma vagina (…) e tem umas maminhas maiores." (AF6) "Pessoa do sexo feminino" (AM6) "(…) gera meninos chamados de bebés, é também chamada de mãe e é responsável de amamentar. É do sexo feminino." (AM3) "(…) é a minha mãe, dá bebés." (AF2) "Mãe (talvez), que pode ficar grávida…" (AM4) "É a minha mãe." (AM5) "(…) e é minha mãe." (AM7)	N=11	

Questão nº 2 – *Um homem é…*

Na segunda questão do questionário, era pedido que as crianças descrevessem o que é para si um homem. Neste ponto, agrupamos as respostas em quatro CR, sendo a mais comum com doze (N=12) respostas dadas a **CR1 – Um homem é uma pessoa/humano/pai (talvez), do género/sexo masculino, com pénis/maminhas**

[4] Consultar apêndice 4: Questão "Uma mulher é…" (antes da intervenção) – Resposta na íntegra

menores que faz 'sexy' com a mulher e que pode fazer/ajuda a mulher a ter/dar bebés.

Tabela 13

Levantamento de dados 2ª questão[5]

Um homem é…

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Um homem é uma pessoa/humano/pai (talvez) do género/sexo masculino, com pénis/maminhas menores que faz 'sexy' com a mulher e que pode fazer/ajuda a mulher a ter/dar bebés..	"Uma pessoa do género masculino…"	(AF1)	N=12
	"Uma pessoa…"	(AM2)	
	"(…) ajuda quando a mulher vai ter filhos, e para ter filhos faz sexy com a mulher e é assim que se faz os filhos."	(AM3)	
	"(…) é o meu pai, ajuda a mãe a dar bebés."	(AF2)	
	"Pai (talvez)…"	(AM4)	
	"É o meu pai."	(AM5)	
	"É um humano que pode fazer os filhos a uma mulher."	(AF3)	
	"Uma pessoa…"	(AF4)	
	"Um homem é uma pessoa que é do género masculino…"	(AF5)	
	"Uma pessoa que tem um pénis (…) tem umas maminhas menores."	(AF6)	
	"(…) e é meu pai."	(AM7)	

Questão nº 3 – *Em casa, um homem faz…*

Quando questionados o que deveria um homem fazer em casa, as respostas foram um pouco mais vastas. Foram, desta forma, criadas seis CR, tendo duas destas o mesmo número de respostas, sete (N=7), as **CR1 – *Em casa, um homem trabalha/mexe no computador*** e **CR2 – *Em casa, um homem faz/ajuda nas tarefas domésticas/cuidados***

[5] Consultar apêndice 5: Questão "Um homem é…" (antes da intervenção) – Resposta na íntegra

de casa (limpa e cozinha/faz o comer/comida/sopa, lava a loiça, estende/prepara a roupa, arruma o quarto e faz a cama).

Tabela 14

Levantamento de dados 3ª questão[6]

Em casa, um homem faz…			
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**	
Em casa um homem trabalha/mexe no computador.	"Trabalho no computador…"	(AM1)	N=7
	"Em casa, alguns homens trabalham…"	(AF1)	
	"Em casa trabalha."	(AF2)	
	"Trabalha, trabalha, trabalha…"	(AM4)	
	"Em casa (…) e trabalha."	(AF3)	
	"Mexe no computador…"	(AF6)	
	"Trabalhar."	(AM6)	
Em casa, um homem faz/ajuda nas tarefas domésticas/cuidados de casa (limpa e cozinha/faz o comer/comida/sopa, lava a loiça, estende/prepara a roupa para nós, arruma o quarto e faz a cama).	"(…) limpam e cozinham…"	(AF1)	N=7
	"Estende a roupa (…) faz uma sopa."	(AM2)	
	"Em casa um homem faz ajuda os cuidados de casa…"	(AM3)	
	"Em casa um homem faz: lava a loiça."	(AM5)	
	"O comer, faz o quarto e a cama e prepara roupa para nós."	(AF4)	
	"Em casa, um homem pode fazer comida e ajudar com as tarefas de casa."	(AF5)	
	"Em casa um homem faz o comer."	(AM7)	

[6] Consultar apêndice 6: Questão "Em casa, um homem faz…" (antes da intervenção) – resposta na íntegra

Questão nº 4 – *Em casa, uma mulher faz…*

Ao questionar sobre o que a mulher faria em casa, apesar de terem sido criadas cinco CR, existiu apenas uma com um número maior de respostas, nove (N=9) que as restantes, a **CR1 – Em casa, uma mulher faz/ajuda nas tarefas/limpezas de casa/cuida da casa, cozinha/faz o comer (almoço, jantar, lanche), estende/dobra a roupa, faz a cama e arranja o jardim, com**

Tabela 15

Levantamento de dados 4ª questão[7]

Em casa, uma mulher faz…

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Em casa, uma mulher faz/ajuda nas tarefas/limpezas de casa/cuida da casa (cozinha/faz o comer/ almoço/jantar/lanche, lava/estende/dobra a roupa, faz a cama e arranja o jardim).	"O jantar, as limpezas da casa, lava a roupa e arranja o jardim."	(AM1)	N=9
	"Algumas mulheres arrumam, cozinham (…) limpa…"	(AF1)	
	"(…) faz o almoço/jantar, faz uma tosta mista para mim e dobra a roupa."	(AM2)	
	"Em casa uma mulher faz por exemplo, lava a loiça, cozinha e limpa a casa."	(AM3)	
	"Em casa uma mulher limpa o chão."	(AM5)	
	"Em casa a mulher faz o comer e cuida da casa."	(AF3)	
	"(…) lavar a roupa, faz o comer, lavar a loiça, fazer a cama, estender a roupa…"	(AF4)	
	"(…) ajudar com as tarefas de casa."	(AF5)	
	"Faz o jantar, lava a loiça, faz as camas…"	(AF6)	

Questão nº 5 – *Fora de casa, um homem faz…*

Sendo questionados sobre o que o homem faria fora de casa, as respostas remetiam para profissões, tarefas necessárias no dia-a-dia e algumas atividades de lazer. Foram, assim, criadas cinco CR, sendo que uma delas teve a maioria das respostas da turma,

[7] Consultar apêndice 7: Questão "Em casa, uma mulher faz…" (antes da intervenção) – resposta na íntegra

CR1 – Fora de casa, um homem é 'muito trabalhador', pode vender/trabalhar muito como informático, médico, professor, futebolista, camionista, dentista, enfermeiro, taxista, bombeiro, mecânico, polícia, pintor/nas tintas, empresário, construtor, milionário, eletricista, diretor e carpinteiro. (N=12), e as restantes um nº de respostas semelhante.

Tabela 16

Levantamento de dados 5ª questão[8]

Fora de casa, um homem faz…

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Fora de casa, um homem é 'muito tratador', pode vender/trabalhar muito como informático, médico, professor, futebolista, camionista, dentista, enfermeiro, taxista, bombeiro, mecânico, polícia, pintor/nas tintas, empresário, construtor, milionário, eletricista, diretor, carpinteiro e polícia.	"Trabalha como: informático, médico, professor, futebolista…"	(AM1)	N=12
	"Fora alguns homens trabalham…"	(AF1)	
	"(…) vai trabalhar…"	(AM2)	
	"(…) vai para o trabalho…"	(AM3)	
	"Fora de casa trabalha."	(AF2)	
	"Trabalha…"	(AM4)	
	"Fora de casa um homem trabalha nas tintas."	(AM5)	
	"Fora de casa o homem pode trabalhar em camionista, professor, dentista e enfermeiro…"	(AF3)	
	"Tipo um taxista, trata de todo o tipo de um prego se sair. É muito tratador. E trabalha mesmo muito!"	(AF4)	
	"Um homem fora de casa pode vender, trabalhar…"	(AF5)	
	"Médico, bombeiro, mecânico, professor, polícia, pintor, empresário, construtor, milionário, eletricista e diretor."	(AM6)	
	"De fora, um homem faz trabalhos tipo carpinteiro, polícia, polícia, político."	(AM7)	

[8] Consultar apêndice 8: Questão "Fora de casa, um homem faz…" (antes da intervenção) – resposta na íntegra

Questão nº 6 – *Fora de casa, uma mulher faz…*

As CR criadas a partir das respostas dadas quando questionados sobre o que uma mulher faria fora de casa, são muito semelhantes às criadas para a mesma questão acerca do homem. Muito direcionadas para as profissões, mas falando também sobre atividades do dia-a-dia e de lazer. A mais respondida foi a primeira mencionada com dez (N=10) evidências, a **CR1 – Fora de casa, uma mulher vende/trabalha numa escola/auxiliar, como dentista, médica/doutora, professora, agricultura, empregada/faz as camas de outras pessoas, mecânica, cozinheira, bombeira, 'quadrilionária', construtora, empresária, diretora, pintora e engenheira.**

Tabela 17

Levantamento de dados 6ª questão[9]

Fora de casa, uma mulher faz…

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
"Fora de casa, uma mulher vende/trabalha numa escola/auxiliar, como dentista, médica/doutora, professora, agricultora, empregada/faz as camas de outras pessoas, mecânica, cozinheira, bombeira, quadrilionária, construtora, empresária, diretora, pintora e engenheira.	"Trabalha…"	(AF1)	N=10
	"(…) vai trabalhar…"	(AM2)	
	"(…) vai para o trabalho…"	(AM3)	
	"Fora de casa trabalha."	(AF2)	
	"Trabalho (…) mais trabalho…"	(AM4)	
	"Fora de casa uma mulher trabalha numa escola."	(AM5)	
	"Fora de casa a mulher pode trabalharem dentista, médica, professora, agricultora e empregada…"	(AF3)	
	"As camas doutras pessoas…"	(AF4)	
	"Fora de casa, uma mulher pode trabalhar (…) e vender."	(AF5)	
	"Auxiliar, professora, mecânica, cozinheira, bombeira, doutora, quadrilionária, construtora, empresária, diretora, pintora e engenheira."	(AM6)	

[9] Consultar apêndice 9: Questão "Fora de casa, uma mulher faz…" (antes da intervenção) – resposta na íntegra

Questão nº 7 – *Desenha uma menina e um menino*

A questão nº 7 do questionário inicial implementado pedia para que fossem desenhados um menino e uma menina, que, à semelhança das restantes questões, teria de ser feito sem qualquer tipo de consulta. Assim, as respostas serão apresentadas estando divididas entre as CR dos desenhos de meninas e as CR dos desenhos de meninos.

CR: menina

Para as representações das meninas, surgiram duas CR.

CR1 – Menina de corpo inteiro com cabelo comprido/curto, camisola/top cor-de-rosa ou amarela com coração e calças azuis/pretas/cor-de-rosa. (N=8)

AF1

AM5

AF4

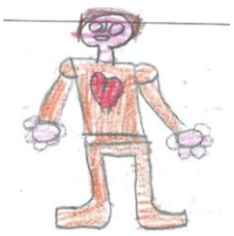
AF3

AF6

AF4

AM1

AM2



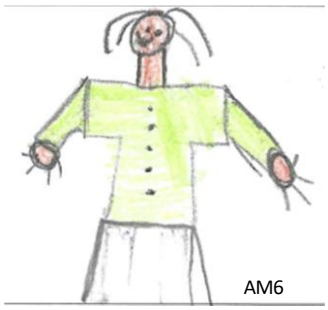
AM7

CR2 – Menina de corpo inteiro/meio corpo com cabelo comprido e vestido/saia cor-de-rosa/roxa/branca/verde-água. (N=5)

AF2

AM4

AF5


AM6

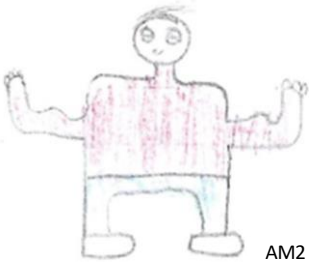
AM3

CR: menino

Para as representações de meninos, foram criadas duas CR, contando a CR1 com o total de 12 respostas.

CR1 – Menino com cabelo curto/sem cabelo, camisola e calças. (N=12)

AF2


AM2

AM1

AF1

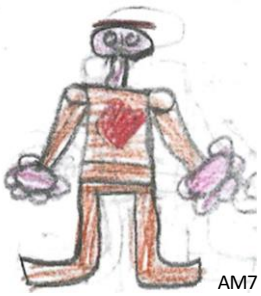
AM4

AF3

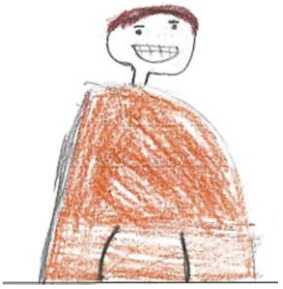
AF5

AF4

AF6


AM7

AM6


AM3

CR2 – Menino de corpo inteiro com cabelo mais comprido (pelos ombros), camisola cor-de-rosa claro e calças cor-de-rosa escuro. (N=1)

AM5

Questão nº 8 – *De onde vem os bebés?*

Ao serem questionados sobre de onde vinham os bebés, foram criadas três CR, apesar de uma delas ter tido um número elevado de respostas, sendo a resposta mais unânime.

Esta foi a **CR1 – Os bebés vêm/nascem da barriga/ventre da mãe ~~'cheios de sangue',~~** contando com doze (N=12) respostas dadas.

Tabela 18

Levantamento de dados 8ª questão[10]

De onde vêm os bebés?			
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**	
Os bebés vêm/nascem da barriga/ventre da mãe.	"Os bebés vêm do ventre da mãe."	(AM1)	N=12
	"(…) ou da barriga."	(AF1)	
	"Todos os bebés vêm da barriga da mãe."	(AM2)	
	"Os bebés vêm da barriga da mãe."	(AM3)	
	"Os bebés vêm da barriga da mãe."	(AF2)	
	"Os bebés vêm da barriga…"	(AM4)	
	"Os bebés vêm da barriga da mãe."	(AM5)	
	"Os bebés vêm da barriga da mãe."	(AF3)	
	"Os bebés nascem da barriga da nossa mãe cheios de sangue."	(AF4)	
	"Os bebés vêm da barriga das mães."	(AF5)	
	Os bebés vêm da barriga das mães."	(AF6)	
	"Os bebés nascem da barriga das mães."	(AM7)	

Questão nº 9 – *Como se faz um bebé?*

Nesta questão, as respostas foram mais vastas, conseguindo criar cinco CR. No entanto, a CR1 contou com o maior número de respostas dadas, com um total de sete (N=7). **CR1 – Um bebé faz-se quando um homem e uma mulher estão nus na cama e fazem amor/'sexy'/sexo/se cruzam e juntam pénis/pilinha mais vagina/pipi/bibi e a coisa do pénis vai para a vagina e a mulher fica grávida.**

[10] Consultar apêndice 10: Questão "De onde vêm os bebés?" (antes da intervenção) - resposta na íntegra

Tabela 19

Levantamento de dados 9ª questão[11]

Como se faz um bebé?			
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**	
Um bebé faz-se quando um homem e uma mulher estão nus numa cama e fazem amor/'sexy'/sexo/se cruzam e juntam pénis/pilinha mais vagina/pipi/bibi e a coisa do pénis vai para a vagina e a mulher fica grávida.	"Um bebé faz-se com uma mulher e um homem a fazer amor." (AM1) "Uma mulher e um homem estão nus e eles fazem amor e o homem que tem uma coisa no pénis junta-o à vagina da mulher e essa coisa vai para a vagina dela e isso é o bebé e depois a mulher fica grávida." (AF1) "Como se faz um bebé é a partir do sexy que é uma mulher mais um homem e é assim que se faz os bebés." (AM3) "Um bebé faz-se quando um homem e uma mulher estão numa cama e juntam bibi e pilinha." (AM4) "Os bebés fazem-se fazendo amor." (AF6) "A partir do sexo que é o pénis mais o pipi…" (AM6) "Para fazer um bebé é quando uma mulher e um homem se cruzam e depois de alguns dias têm um bebé." (AF3)	N=7	

Questão nº 10 – *Como é que um bebé sai da barriga da mãe?*

Relativamente à forma como um bebé sai da barriga da mãe, já foram criadas menos categorias de resposta, tendo a **CR1 – Um bebé sai da barriga da mãe/mulher no hospital, os médicos abrem/cortam a barriga da mãe num determinado sítio, tiram o bebé lá de dentro, todo molhado, que começa a chorar e fecham/cosem a barriga para não ficar aberta**, o maior número de respostas, oito (N=8).

[11] Consultar apêndice 11: Questão "Como se faz um bebé?" (antes da intervenção) – resposta na íntegra

Tabela 20

Levantamento de dados 10ª questão[12]

Como é que um bebé sai da barriga da mãe?		
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**
Um bebé sai da barriga da mãe/mulher no hospital, os médicos abrem/cortam a barriga da mãe num determinado sítio, tiram o bebé lá de dentro, todo molhado, que começa a chorar e fecham/cosem a barriga para não ficar aberta.	"A mãe vai ao hospital, os médicos abrem-lhe a barriga, tiram o bebé, ele começa a chorar e fecham a barriga à mulher." (AM1) "Os médicos cortam as barrigas das mães e tiram de lá de dentro o bebé e depois cosem a barriga para a barriga não ficar aberta." (AF1) "Um bebé sai da barriga da mãe todos molhado." (AM2) "Os bebés podem sair da barriga (…) por exemplo, pela barriga têm de cortar num determinado sítio…" (AM3) "(…) ou da barriga da mãe." (AM4) "Para sair um bebé da barriga é preciso abrir a barriga da mulher e tirar de lá de dentro." (AF5) "Abrem a barriga." (AM6) "O bebé sai da barriga da mãe porque um médico tira da barriga da mãe." (AM7)	N=8

Questão nº 11 – ***Após o nascimento, como se sabe se um bebé é menino ou menina?***

A penúltima pergunta do questionário permitiu criar três CR, havendo uma com um número substancialmente elevado em relação às outras, **CR1 – Após o nascimento, sabe-se se um bebé é menino ou menina pelo corpo/parte íntima/parte de baixo, vendo se tem pénis/pila/pilinha e testículos ou se tem vagina/pipi/bibi/'bexiga',** com onze (N=11) respostas.

[12] Consultar apêndice 12: Questão "Como é que um bebé sai da barriga da mãe?" (antes da intervenção) – resposta na íntegra

Tabela 21

Levantamento de dados 11ª questão[13]

Após o nascimento, como se sabe se um bebé é menino ou menina?			
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**	
Após o nascimento, sabe-se se um bebé é menino ou menina pelo corpo/parte íntima/parte de baixo, vendo se tem pénis/pila/pilinha e testículos ou se tem vagina/pipi/bibi/'bexiga'.	"Porque os meninos têm testículos e as meninas têm pénis." (AM1) "(…) e olha-se para a parte de baixo, nas partes íntimas." (AF1) "Sabe-se se é menina ou menino a partir do pénis." (AM2) "É a partir das partes íntimas, por exemplo: o rapaz tem pila e os testículos e as meninas têm o pipi." (AM3) "Sabe-se se é menino ou menina se virem a parte íntima." (AF2) "Sabe-se vendo se tem pilinha ou bibi." (AM4) "Sabe-se pela parte íntima." (AM5) "Porque dá para ver pelo corpo, para saber se é menina vemos por a bexiga e os meninos pelo pénis." (AF4) "Para sabermos se é menino ou menina podemos ver pelo pénis ou pela vagina." (AF5) "Após o nascimento sabe-se que um bebé é menina ou menino é que o menino tem pénis e a menina tem vagina." (AF3) "Após o nascimento temos de olhar para as partes íntimas do bebé para vermos se é menino ou menina." (AF6)	N=11	

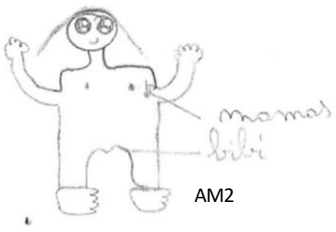
Questão nº 12 – *Desenha um menino e uma menina nus. Legenda os teus desenhos.*

A questão nº 12 do questionário inicial implementado pedia para que fossem desenhados um menino e uma menina, neste momento, nus, mais uma vez, sem consulta. Assim, as respostas serão apresentadas estando divididas entre as CR dos desenhos de meninos e as CR dos desenhos de meninas.

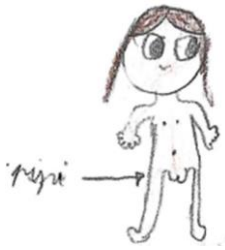
[13] Consultar apêndice 13: Questão "Após o nascimento, como se sabe se um bebé é menino ou menina?" (antes da intervenção) – resposta na íntegra

CR: menina

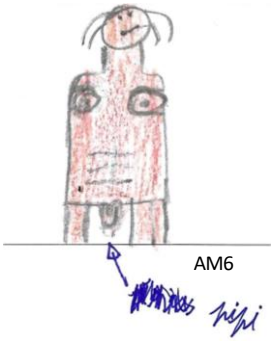
CR1 – Menina com mamas (“mamas/sem legenda”) e vulva (“bibi/pipi/bexiga”). (N=9)



AM2

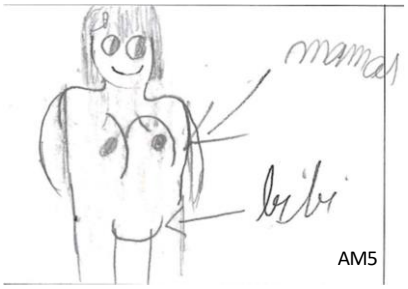


AF2



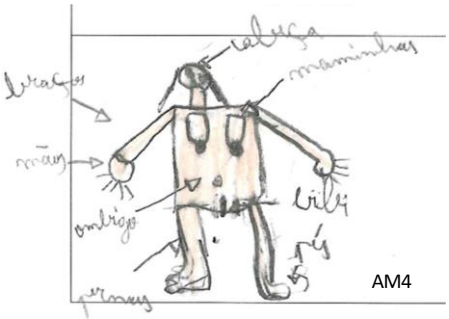
AM6

AM3



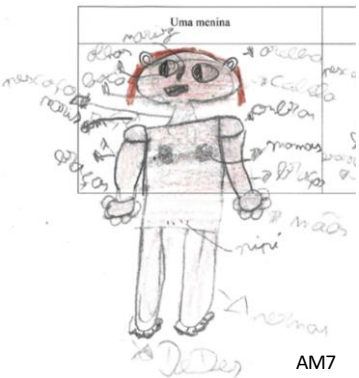
AM5

AF3



AM4

AF4

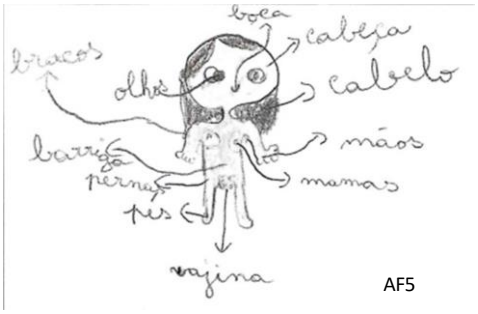


AM7

CR2 – Menina com mamas (“mamas”) e vulva (“vagina”). N=3

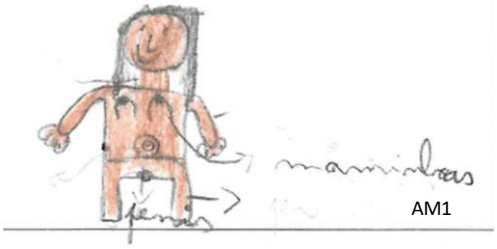
AF1

AF6



AF5

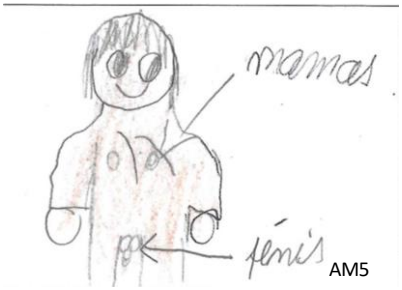
CR3– Menina com mamas (“maminhas”) e vulva (“pénis”). N=1



AM1

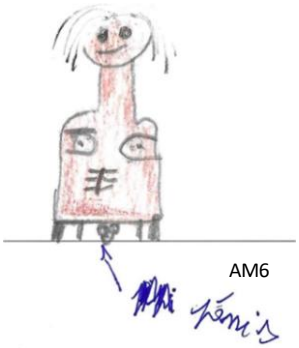
CR: menino

CR1 – Menino com pénis (N=7)

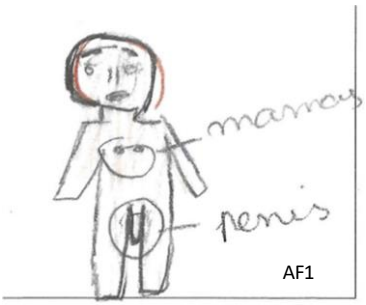


AM5

AF4

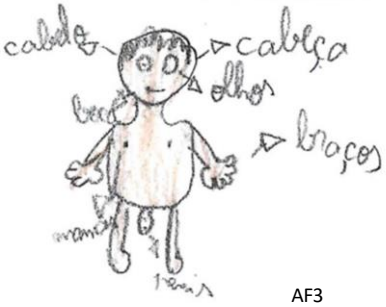


AM6



AF1

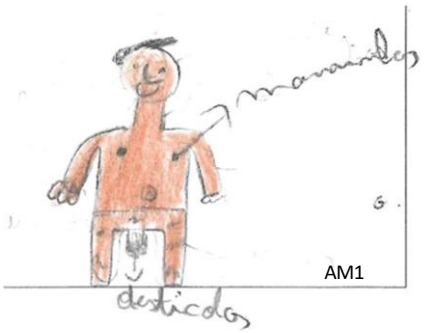
AF6



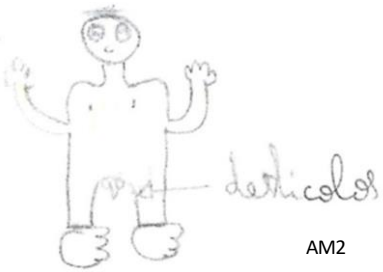
AF3

AF5

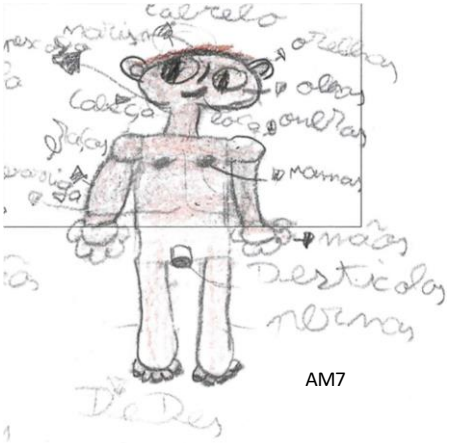
CR2 – Menino com testículos (“destículos”). (N=3)



AM1

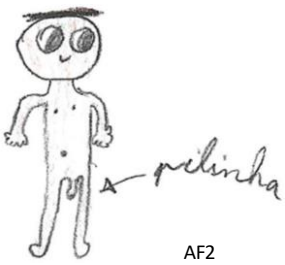


AM2

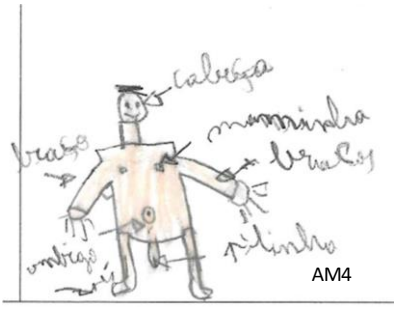


AM7

CR3 – Menino pénis e testículos (“destículos/pila/pilinha”). (N=3)



AF2



AM4

AM3

Proposta de intervenção – "Como eu me vejo/Como vejo o outro"

Quando pedido à turma que desenhassem como se viam a eles próprios e a uma pessoa do outro género, surgiram vários desenhos diferentes. De uma forma geral, as crianças desenharam a menina com cabelo comprido, existindo algumas variações em termos de acessórios e os meninos com cabelo curto ou, num dos casos, sem cabelo.

Os pares de desenhos que mostram um menor contraste são os apresentados de seguida. Nos em que é possível observar alguns estereótipos, como as cores, o tipo de vestuário r~~oupa~~ e o cabelo serão apresentados após os primeiros, existindo apenas dois em que, apesar de não existirem muitas diferenças, é possível ver de imediato que desenho é referente à menina e qual é referente ao menino.

CR1 – Menor contraste entre os desenhos. A diferença está no cabelo. N=6

F1

AM2A

AM3

AM4

AF3

AF6

AF2

AM6

CR2 – Maior contraste entre os desenhos obtidos. N=5

AM1

AF5

AF4

AM5

AM7

Proposta de intervenção – "Ser homem é…/Ser mulher é…" (Sessão a pares)

Durante a sessão a pares foi pedido à turma que, em grupo, escrevesse o que para si seria um homem e uma mulher, completando as frases "Ser homem é…" e "Ser mulher é…". Não foi permitido consulta ou dada qualquer orientação no sentido de se se deveriam focar em aspetos físicos ou de personalidade, dando liberdade para que orientassem as respostas como entendessem. Assim, foi possível chegar às seguintes respostas.

Tabela 22

Levantamento de dados "Ser homem é…/Ser mulher é…"[14]

[14] Consultar apêndice 14: "Ser homem é…/Ser mulher é…" (sessão a pares) – resposta na íntegra

	Evidência/Indicador	Quem disse	
Ser homem é…	Fixe/Fixe e às vezes não é	AM6/AF6 AM1/AF5 AF3/AM2 AM3/AF1 AF4/AM5	N=10
	Grande trabalhador/trabalhador/trabalha muito	AM1/AF5 AM3/AF1 AF4/AM5 AM7/AF2/AM4	N=9
	Pai/ser avô /às vezes são pai, tio, avô e tetra-avô	AM6/AF6 AF4/AM5 AM1/AF5	N=6
	Atleta	AM6/AF6 AM1/AF5 AM3/AF1	N=6
	Tem menos cabelo e alguns carecas/tem menos cabelo que as mulheres/careca e alguns têm cabelo	AM6/AF6 AF3/AM2 AF4/AM5	N=6
	Tem muito pelo/tem muito pelo como o pé grande	AM1/AF5 AF3/AM2 AM3/AF1	N=6

	Evidência/Indicador	Quem disse	
Ser mulher é…	Trabalhadora/trabalha muito bem/trabalham todo o dia	AM6/AF6 AM1/AF5 AM3/AF1 AM7/AF2/AM4	N=9
	Faz as tarefas domésticas/lavam a roupa de vez em quando/lava a loiça	AF2/AM2 AF7/AF2/AM4 AM6/AF6	N=7
	Cabeleireira/pode ser cabeleireira	AM1/AF5 AF3/AM2 AM3/AF1 AF4/AM5	N=8
	Professora/algumas professoras	AM1/AF5 AF3/AM2 AF4/AM5	N=6
	Bonita/muito bonitas	AM1/AF5 AF3/AM2 AM3/Af1	N=6
	Algumas são cabeludas/tem muito cabelo	AM6/AF6 AF3/AM2 AF4/AM5	N=6

Após a sessão, foi possível concluir que, de um modo geral, as crianças consideram que ambos são trabalhadores e trabalham muito apesar, de no caso da mulher, ter havido necessidade por parte da turma em especificar que, para além de trabalhar muito fora de casa, esta também trabalha em casa, fazendo referência à realização das tarefas domésticas.

Relativamente às profissões, as escolhidas para as mulheres são profissões "mais delicadas" com cabeleireira ou professora, enquanto para o caso do homem, a profissão escolhida foi a de "atleta", contrastando com a delicadeza de uma cabeleireira ou professora e remetendo para uma pessoa mais dura e forte.

No que toca às características pessoais, também é possível notar alguma diferença. Para as características físicas da mulher, as crianças destacaram o facto de as mulheres terem muito cabelo/serem cabeludas, ao contrário do homem que é descrito como alguém que tem muito pelo (*como o pé grande*) e que, contrastando com esta característica e com a mulher, tem menos cabelo que esta, sendo alguns carecas. Por fim, e relativamente às características pessoais, a mulher é descrita como sendo muito bonita, enquanto o homem é fixe.

Proposta de intervenção – "Como se fazem os bebés?"

As sessões relativas à forma como se fazem os bebés foram realizadas segundo a estrutura de entrevista não estruturada e em grupo. Foram sempre acompanhadas com o livro "Como se Fazem os Bebés".

Para iniciar, foi feita uma pequena contextualização sobre as questões do questionário inicial que serviram como ponto de partida. A resposta às questões foram colocadas no quadro agrupadas por questão, dando oportunidade à turma de debater acerca da concordância com as mesmas.

Aquando da leitura da questão *De onde vêm os bebés?*, não foi gerada nenhuma confusão nas respostas dadas. O número de respostas era inferior ao das restantes questões, uma vez que ainda antes do início do projeto era uma questão cujas respostas

eram bastantes unânimes, havendo uma concordância à volta de "vêm da barriga da mãe" ou do "bibi".

Quando são lidas as respostas à questão *Como se faz um bebé?*, tentou entender-se porque algumas crianças utilizaram o termo "sexy" para se referir ao sexo como relação sexual. A turma esclareceu que já tinham ouvido os dois. Quando, à semelhança da questão anterior, a turma foi questionada se concordava com todas as respostas que, ao contrário da questão anterior, não eram tão universais, a turma respondeu que não concordava com tudo, nomeadamente quando disseram que para se fazer um bebé era preciso que um homem e uma mulher se casem. A primeira reação foi de um aluno que comentou de imediato "Os meus pais não se casaram" (AM4), levando a uma pequena conversa sobre o que, para eles, era o casamento. No final deste pequeno debate, acabaram por concluir que, para fazer um bebé não é necessário existir um casamento.

Existe, ainda, uma grande dúvida em volta do facto de os bebés virem da barriga das mães, uma vez que se trata de um facto tido com certo, ainda que não sejam capazes de explicar o fenómeno que permita que isso aconteça.

Ao tentar entender a posição da turma relativamente e à resposta "sabem a semente de uma árvore? Pronto, nós somos iguais" (AF4), as crianças disseram não concordar, tendo uma aluna dado o exemplo: "As maçãs, as sementes das maçãs, para dar origem a outra maçã não foi preciso que duas maçãs se juntassem como acontece com os humanos" (AF5). A turma começa, de imediato, a questionar o porquê de serem ditas coisas tão diferentes e falsas às crianças, tendo uma aluna dito: "a mim disseram-me que vim de uma abóbora podre" (AF2). Foi falado da história da cegonha e foi explicado que muitas vezes as pessoas adultas se sentem pouco confortáveis com o assunto, arranjando formas mais fantasiadas de falar sobre o tema. Neste sentido, a turma concluiu que concordava com a maioria das repostas, discordando as relativas ao casamento, à semente de uma árvore e ao "fazer-se na barriga da mãe".

Pegando na questão *Como é que um bebé sai da barriga da mãe*, foi possível verificar que as questões, embora não tão unânimes como as dadas à primeira questão, giravam em torno das mesmas ideias: ou eram tirados pelos médicos nos hospitais pela barriga da mãe ou pelo "bibi/pipi", referindo que a mãe teria de fazer força. A turma concordou

com as respostas, o que mostrou um melhor conhecimento neste campo, uma vez que as respostas se aproximavam bastante da realidade, ainda que os termos utilizados não tenham sido os mais corretos. Após afirmarem que a única resposta que não concordavam seria a resposta em que era dito que a vulva era cortada pelos lados, o debate levou a entender que este conhecimento não só lhes foi veiculado pelas pessoas adultas mas também pelos media, ao terem perguntado "também dás daqueles beijinhos de tirar a roupa?".

Por fim, relativamente à questão *Após o nascimento, como se sabe se um bebé é menino ou menina*, as repostas voltaram a ser mais genéricas referindo que se devia à observação das partes íntimas, por esse termo ou por outros mais ou menos corretos. Uma das respostas instigou uma maior controvérsia, pois falava da utilização de molas (para o cordão umbilical) de cores diferentes o que, após o primeiro conjunto de sessões, era espectável.

De modo a iniciar a leitura do livro de Rachel Greener que iria responder às dúvidas colocadas, foram apresentadas as questões da caixa, de forma que as crianças conseguissem ter uma noção das curiosidades da turma.

No início do livro, aquando da explicação das diferenças fisiológicas do órgão sexual feminino e masculino, ainda existiam dúvidas sobre os nomes corretos das várias zonas. Ao ser descrito o órgão sexual feminino, uma vez que a autora apenas refere a vulva, a uretra e a vagina, rapidamente as crianças salientaram a existência de "um buraco na parte da frente que tem outro nome" (AF1, AM3, AM4, AF3, AF5, AF6). Referiram-se, ainda, a esse buraco como a "bolinha", mostrando conhecimento sobre a existência do clítoris.

Ainda com alguma confusão, foi questionado se "a vagina é o buraco por ponde sai o cocó?" (AF1), levando a que fosse explicado com mais detalhe que o cocó saía pelo ânus e que na vulva existiam três zonas diferentes, utilizando termos menos corretos e utilizados pelas crianças para melhor entendimento da turma: "o buraco maior" chamado vagina, onde é colocado o pénis durante a relação sexual, por onde sai o período e por onde passará o bebé no caso do parto normal; o "buraco mais

pequenino", chamado de uretra, que será por onde sairá o xixi; e, por fim, a "bolinha", chamada clítoris, que tinha apenas a função de dar prazer à mulher.

Relativamente às diferenças no corpo das mulheres para os homens, dos adultos para as crianças, ainda que tenha havido uma grande admiração ao ver os corpos nus, a turma foi muito objetiva, sobressaindo a quantidade de pelo no peito, axilas e pénis no caso do homem e a quantidade de pelo nas vulvas das mulheres, bem como nas axilas e a forma da anca e o tamanho das mamas. Foram também salientadas as diferenças entre os órgãos sexuais masculino e feminino, como o facto de o pénis e testículos estarem da parte de forma do corpo do homem, enquanto no caso da mulher, apenas é visível a vulva.

As páginas relativas à relação sexual foram alvo de muita curiosidade, principalmente acerca da existência de dor. Foi explicado com apoio da ilustração do livro que o pénis teria de estar ereto e que era introduzido na vagina, mas que seria um ato que não teria dor. Questionaram acerca da ereção do pénis, se seria algo que acontecia "sozinho" ou se era necessário fazer alguma coisa para que isso acontecesse. Este momento foi crucial para a turma, pois foi a partir deste que a turma se abriu e passou de fazer questões abstratas acerca do que estava a ser lido para questões de carácter pessoal, tendo o aluno AM3 questionado "E é normal acontecer sozinho? Porque, por exemplo, já me aconteceu não fazer nada e o meu pénis ficar para cima.". Assim que este se pronuncia, mais alunos manifestaram situações idênticas, tendo sido descansados dizendo que se tratava de uma manifestação das hormonas que se começavam a desenvolver.

Quando identificados alguns motivos pelos quais um casal não consegue ter filhos, o livro começa por dizer que "Por vezes, os espermatozoides ou os óvulos podem não estar a funcionar bem" e são dadas soluções para a formação de uma família, como a inseminação artificial, a utilização de barrigas de aluguer ou a adoção. Primeiramente, relativamente à inseminação artificial, uma vez que um aluno (AM6), antes de iniciar o projeto já mostrava algum conhecimento acerca deste método, ficou esclarecido, apesar de ter sido visitada a preocupação geral da turma, "E não dói?". O procedimento gerou muita curiosidade, tendo sido esclarecidos acerca do método, bem como das diferenças entre a doação de esperma ou de óvulos, sendo que se tratava de métodos diferentes

de recolha: no caso do esperma, o homem teria de ejacular para um copo, numa clínica/banco de esperma e a mulher teria de fazer um tratamento inicial para despiste de doenças e o óvulo seria retirado com uma pequena agulha.

Outro exemplo foi a utilização de barrigas de aluguer. Rapidamente surgiram questões como "Como é que isso funciona?" (AM5, AM7) e "Se vão nascer de outra barriga, também se vão parecer com essa senhora?" (AF5). Foi explicado que seria implantado um embrião (óvulo fecundado) no útero de outra pessoa, ou seja, as parecenças seriam com o pai e a mãe que doaram o espermatozoide e o óvulo, o bebé nasceria apenas na barriga de outra pessoa no caso de um casal ter as células sexuais mas não ter as condições necessárias no útero da mulher para o desenvolvimento saudável do bebé. Remetendo para a resposta a uma questão do questionário, no caso de apenas o pai ou a mãe terem problemas nas suas células, o bebé teria apenas parecenças com o pai ou a mãe, continuando a não ter quaisquer parecenças com a mulher que servirá de barriga de aluguer.

Após entender o processo, uma aluna (AF3) questionou "Podemos colocar o óvulo com o espermatozoide no homem, ou tem de ser na mulher?", ao que questionada onde seria colocado no homem uma vez que este não tem útero, esta respondeu "Pois não, esquece."

Algo que gerou maior confusão foi a perda de direitos pelo bebé, quer no caso da barriga de aluguer como na utilização de espermatozoides ou óvulos de outra pessoa, apesar de conseguirem entender o porquê desta necessidade. Foi feita a ponte entre a doação de gâmetas e a adoção de um ser humano, o que ajudou no entendimento do processo.

Na observação das diferentes fases do crescimento e desenvolvimento do embrião, a autora utilizou vários frutos e vegetais para a comparação, algo que a turma achou interessante. Uma aluna conseguiu entender e comentou "Por isso é que a barriga de uma mãe que tem gémeos fica maior, porque são dois bebés" (AF3). Perceberam a existência de um "saco e líquido especial" onde o bebé se vai desenvolver, tendo surgido questões como "É esse saco que vai ajudar a matar o vírus (COVID-19)?" (AM4, AF6) e "Como é que o bebé consegue respirar nesse líquido durante 9 meses?" (AF3),

remetendo para a existência do cordão umbilical e que, através deste, a mãe iria dar nutrientes e anticorpos necessários aquando do seu nascimento, não obstante da administração de vacinas.

As sessões terminaram com uma frase chave para o nascimento de um bebé: "Para se fazer um bebé, é preciso um espermatozoide, um óvulo e um útero…", presente no final do livro que acompanhou as sessões.

Proposta de trabalho final (após a intervenção) – Questionário Final

Após a intervenção, foi entregue um questionário final, de modo a ser possível observar as aprendizagens das crianças e, assim, contrastar com o respondido inicialmente. As respostas foram, à semelhança do questionário inicial, após o levantamento, divididas em várias Categorias de Resposta (CR), o que permitiu à investigadora interpretar o que é dito. As questões implementadas foram as seguintes.

Questão nº 1 – *Uma mulher é…*

A questão nº 1 da proposta pedia que crianças descrevessem o que, para si, era uma mulher. Entre as respostas variadas, foi possível organizá-las em três CR, sendo a CR com mais respostas dadas foi a **CR1 - Uma mulher é uma pessoa/ser humano/ser vivo do género/sexo feminino, que tem uma vagina/vulva/não pénis e que consegue/pode engravidar/ter filhos**, com um total de treze (N=13) respostas.

Tabela 23

Levantamento de dados 1ª questão[15]

Uma mulher é…			
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**	
Uma mulher é uma pessoa/ser humano/ser vivo do género/sexo feminino, que tem uma vagina/vulva/não pénis e que consegue/pode engravidar/ter filhos.	"Um ser humano do género feminino e tem uma vagina." (AM1) "Um ser humano do género feminino que pode engravidar." (AF1) "Um ser humano que pode engravidar (…) e tem uma vulva." (AM2) "A mulher é do género feminino e pode engravidar." (AM3) "Uma mulher é um ser humano do género feminino e pode engravidar." (AF2) "Um ser humano, do género feminino que tem uma vagina e pode engravidar." (AM4) "Uma mulher é um ser vivo do sexo feminino." (AM5) "Um ser humano que tem vagina e não pénis e que pode engravidar." (AF3) "Uma pessoa que consegue ter filhos, é um ser humano, é do género feminino." (AF4) "Um ser humano do sexo feminino que pode engravidar." (AF5) "(…) um ser humano do género feminino, engravida." (AF6) "Do género feminino." (AM6) "Uma mulher é um ser humano, tem uma vagina." (AM7)		N=13

Questão nº 2 – *Um homem é…*

Na segunda questão do questionário, era pedido que os/as alunos/as descrevessem o que é para si um homem. Neste ponto, agrupamos as respostas em quatro CR, sendo a mais comum com treze (N=13) respostas dadas a **CR1 – Um homem é um ser humano**

[15] Consultar resposta na íntegra no apêndice 15: Questão "Uma mulher é…" (após a intervenção)

do género/sexo masculino, que tem pénis/não vagina e não consegue ter filhos/não engravida.

Tabela 24

Levantamento de dados 2ª questão[16]

Um homem é…			
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**	
Um homem é um ser humano do género/sexo masculino, que tem pénis/não vagina e não consegue ter filhos/não engravida.	"É um humano, no género masculino e tem um pénis."	(AM1)	N=13
	"Um ser humano do género masculino."	(AF1)	
	"Um ser humano (…) e tem pénis."	(AM2)	
	"O homem é do género masculino e não pode engravidar."	(AM3)	
	"Um homem é um ser humano do género masculino."	(AF2)	
	"Um ser humano, do género masculino, que tem um pénis e não pode engravidar."	(AM4)	
	"Um homem é um ser humano do sexo masculino."	(AM5)	
	"Um ser humano que tem pénis e não vagina."	(AF3)	
	"Um ser humano (…) não consegue ter filhos e não engravida."	(AF4)	
	"Um ser humano do sexo masculino."	(AF5)	
	"(…) um ser humano do género masculino, não engravida…"	(AF6)	
	"Do género masculino."	(AM6)	
	"Um homem é um ser humano e tem um pénis."	(AM7)	

Questão nº 3 – *Em casa, um homem faz…*

Quando questionados o que deveria um homem fazer em casa, as respostas foram um pouco mais vastas, criando sete CR, sendo a mais respondida com onze respostas (N=11), a **CR1 – Em casa, um homem faz/ajuda nas tarefas de casa/domésticas/diárias:**

[16] Consultar resposta na íntegra no apêndice 16: Questão "Um homem é…" (após a intervenção)

arruma, cozinha/faz a sopa/o comer/o jantar/comida, limpa/varre, limpa/lava/'mete' a roupa na máquina de lavar, estende a roupa, 'mete' a mesa e acende o lume.

Tabela 25

Levantamento de dados 3ª questão[17]

Em casa, um homem faz…			
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**	
Em casa, um homem faz/ajuda nas tarefas de casa/domésticas/diárias: arruma, cozinha/faz a sopa/o comer/o jantar/comida, limpa/varre, limpa/lava/'mete' a roupa na máquina de lavar, estende a roupa, 'mete' a mesa e acende o lume.	"As tarefas de casa…"		N=11
	"Arruma, cozinha (…) limpa (…) mete a mesa…"	(AM1)	
		(AF1)	
	"Estende a roupa, faz a sopa, mete a roupa na máquina de lavar."	(AM2)	
	"As tarefas diárias…"	(AM4)	
	"Um homem lava a roupa."	(AM5)	
	"Comida (…) e as tarefas domésticas."	(AF3)	
	"O comer, varrer, limpa a casa, limpa a roupa…"	(AF4)	
		(AF5)	
	"(…) cozinha, ajuda nas tarefas domésticas…"	(AF6)	
	"Faz o jantar, acende o lume…"	(AM6)	
	"As tarefas de casa…"	(AM7)	
	"Em casa um homem faz: as tarefas de casa…"		

Questão nº 4 – *Em casa, uma mulher faz…*

Ao questionar sobre o que a mulher faria em casa, foram criadas seis CR, sendo a com o número maior de respostas, onze (N=11), a **CR1 – Em casa, uma mulher faz/ajuda nas tarefas de casa/domésticas: arruma, limpa/lava o chão/aspira/varre a casa,**

[17] Consultar apêndice 17: Questão "Em casa, um homem faz…" (após a intervenção)

cozinha/faz o almoço/jantar/comida/o comer, lava a roupa, passa a ferro, mete a mesa e troca os lençóis da cama.

Tabela 26

Levantamento de dados 4ª questão[18]

Em casa, uma mulher faz…

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Em casa, uma mulher faz/ajuda nas tarefas de casa/domésticas: arruma, limpa/lava o chão/aspira/varre a casa, cozinha/faz o almoço/jantar/comida/o comer, lava a roupa, passa a ferro, mete a mesa e troca os lençóis da cama.	"As tarefas de casa…"		N=11
	"Arruma, limpa (…) cozinha, mete a mesa…"	(AM1)	
	"Passa a ferro, faz o almoço/jantar, lava o chão, aspira a casa…"	(AF1)	
		(AM2)	
	"As tarefas diárias…"	(AM4)	
	"Uma mulher lava a roupa."	(AM5)	
	"Comida (…) e as tarefas domésticas."	(AF3)	
	"O comer, lavar a loiça, varre a casa, troca os lençóis das camas…"	(AF4)	
		(AF5)	
	"Ela cozinha (…) ajuda nas tarefas domésticas."	(AF6)	
	"Estende a roupa (…) lava a roupa…"	(AM6)	
	"As tarefas de casa."	(AM7)	
	"Em casa, uma mulher faz as tarefas de casa…"		

Questão nº 5 – *Fora de casa, um homem faz…*

Sobre o que o homem faria fora de casa, as respostas remetiam para profissões, tarefas necessárias no dia-a-dia e algumas atividades de lazer. Foram, assim, criadas três (N=3)

[18] Consultar respostas na íntegra no apêndice 18: Questão "Em casa, uma mulher faz…" (após a intervenção)

CR, sendo que uma delas teve a maioria das respostas, **CR1 – Fora de casa, um homem faz trabalhos/trabalha na sua profissão/noutros sítios como futebolista, professor, *gamer*, polícia, bombeiro, mecânico, pintor, médico, dentista, empresário, num hotel, num lar, faz sinais e faz/desconstrói casas.**

Tabela 27

Levantamento de dados 5ª questão[19]

Fora de casa, um homem faz…

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Fora de casa, um homem faz trabalhos/trabalha na sua profissão/noutros sítios como futebolista, professor, *gamer*, polícia, bombeiro, mecânico, pintor, médico, dentista, empresário, num hotel, num lar, faz sinais e faz/desconstrói casas.	"Trabalha como: futebolista, professor, "gamer", polícia e bombeiro…"	(AM1)	N=12
	"Trabalha na sua profissão."	(AF1)	
	"(…) trabalha…"	(AM2)	
	"Fora de casa um homem trabalha…"	(AF2)	
	"(…) e trabalhar."	(AM3)	
	"Trabalho…"	(AM4)	
	"Um homem faz sinais."	(AM5)	
	"Mecânico, professor, pintor, médico, dentista…"	(AF3)	
	"As casas, desconstrói as casas, trabalha num hotel, trabalha num lar, trabalha no futebol."	(AF4)	
	"Pode ir trabalhar para outros sítios."	(AF5)	
	"Mecânico, bombeiro, médico, empresário."	(AM6)	
	"Um homem faz trabalhos e as suas profissões."	(AM7)	

Questão nº 6 – *Fora de casa, uma mulher faz…*

As CR criadas a partir das respostas dadas quando questionados sobre o que uma mulher faria fora de casa, voltaram a ser muito semelhantes às criadas para a mesma questão acerca do homem. Muito direcionadas para as profissões, mas falando também

[19] Consultar apêndice 19: Questão "Fora de casa, um homem faz…" (após a intervenção) – resposta na íntegra

sobre atividades do dia-a-dia e de lazer. A mais respondida foi a primeira das quatro mencionada com onze (N=11) evidências, a **CR1 – Fora de casa, uma mulher trabalha na sua profissão como mecânica, médica, dentista, pintora, professora, corta cabelo, médico assistente, carteira, polícia e vendedora de carros.**

Tabela 28

Levantamento de dados 6ª questão[20]

Fora de casa, uma mulher faz…

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Fora de casa, uma mulher trabalha na sua profissão como mecânica, médica, dentista, pintora, professora, corta cabelo, médico assistente, carteira, polícia e vendedora de carros.	"Trabalho…"		
	"Trabalha na sua profissão."	(AM1)	
	"Vai trabalhar…"	(AF1)	
	"Fora de casa, uma mulher faz por exemplo: vai trabalhar…"	(AM2)	
		(AM3)	
	"Fora de casa, uma mulher trabalhar…"	(AF2)	
	"Trabalha…"	(AM4)	N=11
	"Uma mulher corta cabelo."	(AM5)	
	"Mecânica, médica, dentista, pintora, professora…"	(AF3)	
		(AF4)	
	"(…) trabalha no médico assistente…"	(AM6)	
	"Polícia, mecânica, carteira e vendedora de carros."	(AM7)	
	"Uma mulher faz as suas profissões…"		

[20] Consultar resposta integral no apêndice 20: Questão "Fora de casa, uma mulher faz…" (após a intervenção)

Questão nº 7 – *Desenha uma menina e um menino*

A questão nº 7 do questionário inicial implementado pedia para que fossem desenhados um menino e uma menina, que, à semelhança das restantes questões, teria de ser feito sem qualquer tipo de consulta. Assim, as respostas serão apresentadas estando divididas entre as CR dos desenhos de meninas e as CR dos desenhos de meninos.

CR: menina

Para as representações das meninas, surgiram duas CR.

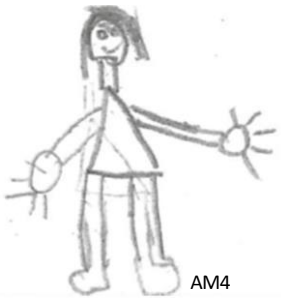
CR1 – Menina com cabelo comprido e/ou vestido/saia/top. N=11

AM1

AF1

AM2

AF2

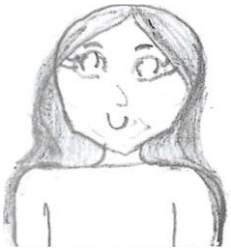

AM4

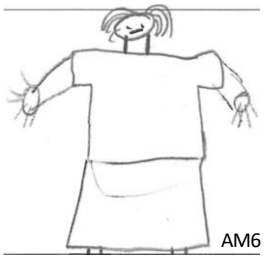
AM5

AF3

AF4

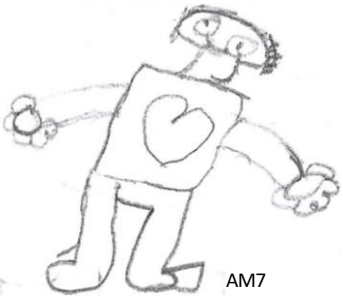
AF5


AF7


AM6

CR2 – Menina com cabelo mais curto/sem cabelo e calças. N=2

AM3


AM7

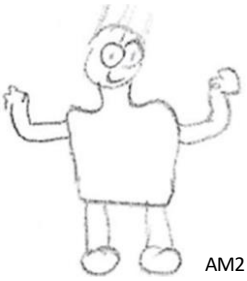
CR: menino

Para as representações de meninos, foi criada apenas uma CR.

CR1 –Menino com cabelo curto/sem cabelo e calças. N=13

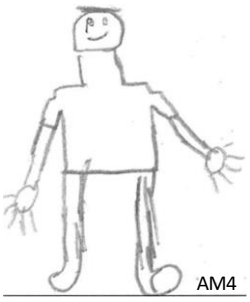
AM1

AF1


AM2

AM3

AF2


AM4

AM5

AF3

AF4

AF5

AF6

AM6

AM7

Questão nº 8 – *De onde vem os bebés?*

Ao serem questionados sobre de onde vinham os bebés, foram criadas apenas duas CR, tendo uma delas treze respostas, sendo a resposta mais unânime. Esta foi a **CR1 – Os bebés vêm/podem sair da barriga ou da vagina das mães/mulheres,** (N=13) respostas dadas.

Tabela 29

Levantamento de dados 8ª questão[21]

De onde vêm os bebés?			
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**	
Os bebés vêm/podem sair da barriga ou da vagina das mães/mulheres.	"Os bebés vêm da barriga da mãe." (AM1) "Os bebés vêm da barriga da mãe." (AF1) "Os bebés vêm da barriga da mãe…" (AM2) "Os bebés vêm da barriga da mãe." (AM3) "Os bebés vêm da barriga ou da vagina das mulheres." (AF2) "Os bebés vêm da barriga da mãe." (AM4) "Os bebés podem sair da vagina ou da barriga." (AM5) "Os bebés vêm da barriga da mãe ou por a vagina da mãe." (AF3) "Os bebés vêm da barriga da mãe." (AF4) "Os bebés vêm da barriga da mãe." (AF5) "Sim. Da barriga da mãe." (AF6) "Os bebés vêm das barrigas da mãe ou da vagina." (AM6) (AM7)	N=13	

Questão nº 9 – *Como se faz um bebé?*

Nesta questão obtivemos, contrariamente ao questionário inicial, duas CR com um número muito semelhante de respostas. Ainda assim, a CR1 contou com o maior número de respostas dadas, com um total de nove (N=9). **CR1 – Um bebé faz-se com um/milhares de espermatozoides entram no útero/vagina e começam a fazer/faz uma corrida, encontra/juntam-se ao óvulo/'ovo' e os outros morrem**.

[21] Consultar apêndice 21: Questão "De onde vêm os bebés?" (após a intervenção)

Tabela 30

Levantamento de dados 9ª questão[22]

Como se faz um bebé?			
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**	
Um bebé faz-se com um/milhares de espermatozoides entram no útero/vagina e começam a fazer/faz uma corrida, encontra/juntam-se ao óvulo/'ovo' e os outros morrem.	"Um espermatozoide junta-se com um óvulo." (AM1) "(…) para o espermatozoide entrar e começar a fazer a corrida." (AM2) "O bebé faz com um óvulo, espermatozoide e o útero." (AM3) "Um bebé faz-se com uma vagina, um espermatozoide e um óvulo." (AF2) "Um bebé faz-se com óvulo, com um espermatozoide e útero." (AM4) "(…) e o espermatozoide faz uma corrida para o óvulo." (AF3) "(…) e os espermatozoides entram e encontram o ovo e os outros morrem. Depois um entra e forma-se o bebé." (AF4) "Para se fazer um bebé é preciso que um espermatozoide se junte ao útero que depois vai para o óvulo." (AF5) "Um bebé faz-se de milhares de espermatozoides." (AM7)		N=9

Questão nº 10 – *Como é que um bebé sai da barriga da mãe?*

Relativamente à forma como um bebé sai da barriga da mãe, foram criadas quatro categorias de resposta, tendo a **CR1 – Um bebé pode sair pode sair de duas maneiras; pela vagina/vulva, que se 'corta pelos lados', ou pela barriga da mãe por cesariana, os médicos dão uma anestesia, pegam no bisturi, cortam a barriga, tiram um ou mais bebés e a mulher leva pontos**, o maior número de respostas, oito (N=8).

[22] Resposta na íntegra no apêndice 22: Questão "Como se faz um bebé?" (após a intervenção)

Tabela 31

Levantamento de dados 10ª questão[23]

Como é que um bebé sai da barriga da mãe?			
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**	
Um bebé pode sair pode sair de duas maneiras; pela vagina/vulva, que se 'corta pelos lados', ou pela barriga da mãe por cesariana, os médicos dão uma anestesia, pegam no bisturi, cortam a barriga, tiram um ou mais bebés e a mulher leva pontos.	"O bebé sai da barriga da mãe ou da vulva." (AF1) "Os médicos dão uma anestesia à mulher para cortarem a barriga e tirarem o bebé." (AM2) "O bebé pode sair por duas maneiras pela barriga e pela vagina, pela barriga que pegam no bisturi e pela vagina que se corta pelos lados." (AM3) "Os médicos cortam a barriga da mãe e tiram o bebé." (AF2) "Um bebé sai pela barriga ou vagina da mulher." (AM4) "O bebé pode sair da barriga pela forma de cesariana, porque se corta a barriga, sai o bebé, depois a mulher leva pontos, mas para não doer elas levam anestesia." (AF5) "Ou sai da vagina…" (AM6) "Um bebé sai da barriga da mãe: primeiro têm de pôr anestesia, depois tiram um bebé ou mais bebés." (AM7)	N=8	

Questão nº 11 – *Após o nascimento, como se sabe se um bebé é menino ou menina?*

A penúltima pergunta do questionário permitiu criar três CR, tendo duas das CR criadas o mesmo número de respostas dadas, **CR1 – Após o nascimento, sabe-se se um bebé é menino ou menina vendo se tem pénis e testículos se for menino e, se for menina se**

[23] Consultar apêndice 23: Questão "Como é que um bebé sai da barriga da mãe?" (após a intervenção) – resposta integral

tem vulva/vagina, **CR2 - Após o Nascimento/quando o bebé nascer sabe-se olhando/vendo/pela parte íntima do bebé**, com seis (N=6) respostas.

Tabela 32

Levantamento de dados 11ª questão[24]

Após o nascimento, como se sabe se um bebé é menino ou menina?		
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**
Após o nascimento, sabe-se se um bebé é menino ou menina vendo se tem pénis e testículos se for menino e, se for menina se tem vulva/vagina.	"Vendo se tem pénis ou vagina." (AM1) "Após o nascimento se sabe a partir do pénis e dos testículos e a menina é a partir da vulva." (AM3) "Os médicos veem se o bebé tem pénis ou vagina." (AF2) "O bebé sabe-se olhando, se for menino tem pénis, se for menina tem vagina." (AF3) "Pela vagina ou pelo pénis." (AM6) "Ver por a vagina ou pelos testículos." (AM7)	N=6
Após o Nascimento/quando o bebé nascer sabe-se olhando/vendo/pela parte íntima do bebé.	"Quando o bebé nascer olha-se para as partes íntimas." (AF1) "Sabe-se se é menino ou menina pela parte íntima." (AM2) "Sabe-se olhando para as partes íntimas. (AM4) "Vendo pela parte íntima do bebé." (AM5) "A gente sabe se é uma menina ou um menino é olhar para as partes íntimas." (AF4) "Após o nascimento sabe-se se é uma menina ou um menino olhando para as partes íntimas." (AF6)	N=6

Questão nº 12 – *Desenha um menino e uma menina nus. Legenda os teus desenhos.*

A questão nº 12 do questionário inicial implementado pedia para que fossem desenhados um menino e uma menina, neste momento, nus, mais uma vez, sem

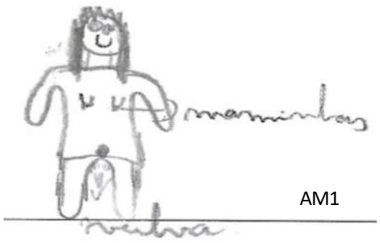
[24] Consultar resposta na íntegra no apêndice 24: Questão "Após o nascimento, como se sabe se um bebé é menino ou menina?" (após a intervenção)

consulta. Assim, as respostas serão apresentadas estando divididas entre as CR dos desenhos de meninos e as CR dos desenhos de meninas.

CR: menina

Para os desenhos de meninas nuas, foram criadas 2 (duas) CR divididas em:

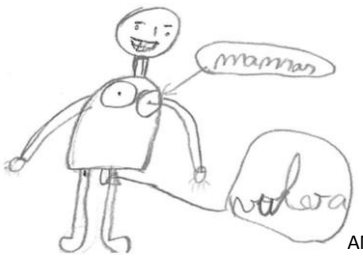
CR1 – Menina, com mamas ("maminhas/mamas") e vulva ("vulva"). N=7



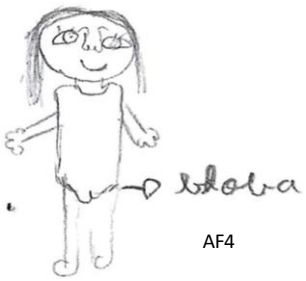
AM1

AF1

AM2

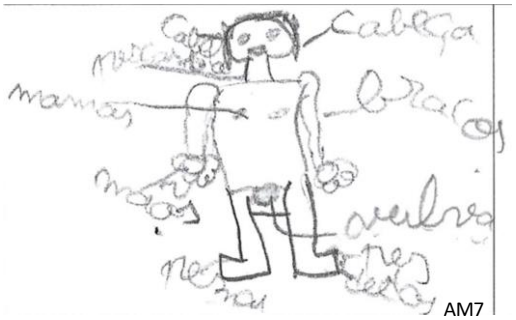


AM3



AF4

AF5

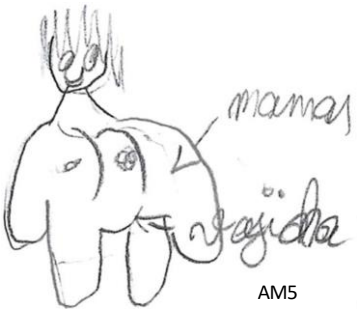


AM7

CR2 – Menina com mamas (“maminhas/mamas”) e vulva (“vagina/vajina”). N=6

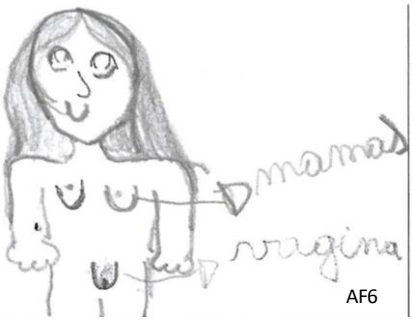
AF2

AM4



AM5

AF3



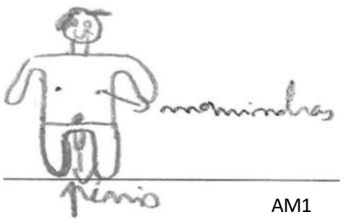
AF6

AM6

CR: menino

Para os desenhos de meninos nus, foram criadas 6 (seis) CR.

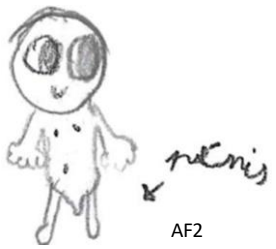
CR1 – Menino com, pénis ("pénis"). N=10



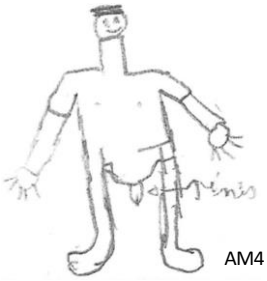
AM1

AF1

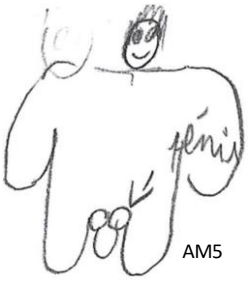
AM2



AF2



AM4

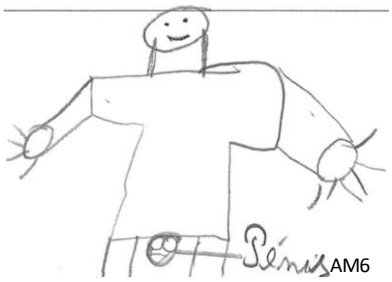


AM5

AF3

AF4

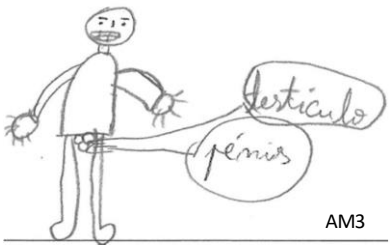
AF5



AM6

CR2– Menino com pénis (“pénis”) e testículos (“testículos”). (N=2)

AF6



AM3

CR3 – Menino com pénis (“testículos”). (N=1)

AM7

CAPÍTULO IV – CONCLUSÕES

4.1 - Conclusões

De modo que seja possível verificar o impacto da investigação, é crucial que seja retomada a questão de investigação "O que pensam as crianças do 3º ano do 1º CEB sobre sexualidade e Reprodução Humana" e os objetivos definidos: "Conhecer as conceções das crianças acerca das diferenças entre as mulheres e os homens e a reprodução humana"; "Criar e implementar uma proposta de intervenção adequada às questões e necessidades da turma"; "Avaliar o impacto e as aprendizagens da turma após a intervenção".

Relativamente ao primeiro objetivo, ao implementar o questionário inicial foi possível conhecer as conceções das crianças do 3º ano acerca das diferenças entre o homem e a mulher e a reprodução humana, mostrando que a maioria tinha um conhecimento superficial sobre a temática e que de um modo geral, a turma possui ideias sobre o seu corpo e a reprodução, ainda que não utilizando os termos mais adequados. Ao diferenciar o homem da mulher eram visíveis alguns estereótipos como o ser mais doce e a realização das tarefas de cuidado de casa e da família ligada à mãe, bem como as profissões consideradas mais maternais e associadas à mulher (professora, cabeleireira). No caso do pai, eram utilizados adjetivos mais relativos à aventura, proteção e diversão, com profissões que pressupõem maior força e atletismo (atleta). Na referenciação dos órgãos sexuais externos eram utilizados termos informais e populares como "bibi" e "pipi" para as meninas, "pilinha" e "pila" para os meninos. No que toca à forma de fazer um bebé, as teorias surgiam de diversas formas, fazendo referência a histórias como a da "sementinha", da cegonha e da necessidade de casamento para que tal possa acontecer.

De acordo com Teixeira e Marques (2012), a criação de recursos didáticos úteis ao desenvolvimento saudável e aprendizagens significativas das crianças torna-se essenciais. Por isso, e para o segundo objetivo, a preparação das sessões teve em consideração as necessidades da turma, os seus conhecimentos e estratégias diversificadas. A temática foi ao encontro dos interesses da turma de modo a descobrir o corpo humano e as suas características, bem como a reprodução.

De modo a avaliar as aprendizagens, torna-se essencial fazer um contraste entre as propostas de trabalho inicial e final. As respostas revelaram ter havido aprendizagem,

em que foi notória uma evolução nos conhecimentos, aproximando-se estes do saber cientificamente aceite. Os resultados revelaram que as crianças já possuíam algum entendimento sobre a temática antes da intervenção, mas esse conhecimento parece ter aumentado ao longo do processo. As categorias de resposta não foram predefinidas, em vez disso, emergiram das respostas das crianças.

Foi evidente uma maior aprendizagem, refletida num aumento do conhecimento sobre o tema, principalmente ao observar a utilização mais precisa de terminologia ao legendar um menino e uma menina nus. No questionário inicial eram utilizados os termos incorretos e comuns, enquanto numa fase subsequente, já se verificou uma utilização adequada dos termos "pénis", "testículos" e "vulva". Quanto ao cabelo, a maioria das crianças continua a associar cabelo comprido a meninas/mulheres e cabelo curto a meninos/homens. Foi, ainda, visível a diferença entre as respostas dadas à proposta de trabalho inicial e final, uma vez que na primeira as respostas eram mais incompletas, enquanto as finais apresentavam um maior cuidado e utilização do vocabulário adequado. No caso da diferenciação do homem e da mulher, as respostas à intervenção inicial e final mantiveram-se muito semelhantes ainda que, durante a Proposta de Intervenção, fosse visível que a turma tinha uma opinião geral de que a mulher conseguiria fazer tudo o que o homem fazia, e vice-versa, sendo a única diferenciação o facto de a mulher poder engravidar.

No final da minha Intervenção, constato que as atividades realizadas suscitaram entusiasmo nas crianças, principalmente pelo facto de abordarem temas relacionados com as suas experiências, o que favoreceu o interesse e a motivação. Os resultados do questionário após a intervenção permitiram observar evolução nos termos cientificamente aceites, tal como foi observado nos trabalhos realizados por Cardoso (2017), Vala (2021) e Gomes (2022), mostrando uma notável capacidade de compreensão e mobilização dos conhecimentos abordados por partes das crianças. Por outro lado, observou-se alguma dificuldade na denominação dos órgãos genitais femininos, muito devido à quantidade excessiva de informação num curto período. Este aspeto final foi visível na utilização da palavra "vagina" para legendar os órgãos sexuais femininos externos ou a utilização de "maminhas", na legenda das mamas quer do menino quer da menina.

Em suma, considero que a intervenção teve os resultados esperados. A Educação Sexual é indispensável às crianças, tendo sempre presente que estas têm o direito incontestável de ser esclarecidas, quer pelos/as pais/mães e encarregados/as de educação, como pelos/as professoras e toda a comunidade educativa, principalmente pela exposição de estímulos informativos sexuais através dos media. (Pereira, 2006, p. 15). Por este motivo, as crianças mantiveram-se empenhadas e entusiasmadas, contribuindo para uma boa aprendizagem por parte da turma.

4.2 – Limitações

Ao longo do projeto foram sentidas algumas limitações que, ainda que não tenham posto em causa o desenvolvimento da intervenção em sala, tornaram o seu desenrolar um pouco atribulado.

Primeiramente, destaca-se o curto período disponibilizado para o seu desenvolvimento e a consequente necessidade articulação com as atividades letivas. Encontrar concordância entre as datas de Intervenção e as atividades curriculares, uma vez que a proposta foi implementada no último mês de aulas, tornou-se difícil, não dando espaço para a realização de atividades extra que pudessem surgir ou aprofundamento de questões colocadas pela turma.

Outra limitação deste projeto remete para a falta de trabalho desta temática. Existindo ainda um grande tabu em volta da sexualidade, faz com que quer familiares quer o corpo docente e não docente tratem o tema com falta de rigor e alguma fantasia. Isto faz com que a criança revele pouco à-vontade com o conteúdo e se sinta, por vezes, constrangida, dando aso a momentos de distração e fuga do tema, o que dificulta a aprendizagem.

4.3 – Recomendações

Para futuros projetos de intervenção-investigação, e uma vez o sucesso de aprendizagem depende da articulação entre todos os agentes do processo educativo,

sugere-se que a Educação em Sexualidade seja feita de forma colaborativa e integrada, em estreita interligação com as famílias.

Outra sugestão, que remete para uma das limitações apresentadas anteriormente, é a abordagem sem tabus da temática, criando um ambiente seguro e propício à resposta das dúvidas e questões colocadas pelas crianças, pois todas elas "têm o direito inquestionável de ser esclarecidas" (Pereira, 2006, p.15).

Penso que será relevante a utilização de sessões mais práticas e interativas, dentro e/ou fora da escola, no caso de projetos de intervenção-investigação realizados num período mais alargado. Para isto, vem a necessidade de integrar as crianças no planeamento dos projetos, auscultando os seus interesses para a preparação das sessões contribuindo, assim, para a sua motivação.

PARTE II – COMPONENTE REFLEXIVA

Reflexão Sobre a Prática Educativa em contexto Pré-Escolar

A Prática Educativa I, teve lugar numa IPSS numa sala com crianças entre os 4 e os 6 anos. Foi um momento muito importante enquanto futura educadora e professora, uma vez que foi o primeiro estágio longo da nossa formação. Isto permitiu, como tal, perceber a necessidade de conhecer o grupo de crianças que se apresenta à nossa frente, possível com a convivência diária com elas permitindo, assim, desenvolver e adequar a prática às necessidades do grupo, tendo por base uma pedagogia de participação.

O principal objetivo das pedagogias participativas é envolver as crianças na construção da sua aprendizagem, enquanto seres ativos e com competências (Oliveira-Formosinho et al, 2011). Os processos principais de uma pedagogia da participação são a observação, a escuta e a negociação.

Desta forma, o primeiro ponto fundamental passou por observar o grupo de crianças, para conhecer os seus interesses e as suas características e para assim descobrir como ~~estas~~ pensam e raciocinam (Hohmann & Weikart, 2004). Inicialmente comecei por observar as atividades das crianças e o modo como a Educadora as motivava. Algo que me marcou foi a forma utilizada pela educadora no relacionamento com as crianças, uma vez que esta regia os seus dias pelo reforço positivo, fazendo sempre com que as crianças se sentissem "em casa" quando estavam na instituição e, mais importante do que isso, com que se sentissem importantes e valiosas, algo que, certamente, levarei comigo na minha vida profissional.

Senti que a minha presença foi relativamente bem aceite quer pelas crianças como pelo pessoal docente e não docente. Infelizmente, devido à pandemia COVID-19, o nosso estágio sofreu algumas paragens prejudicando, assim, a nossa prática como estagiárias e abalando a confiança e motivação, tendo, assim, este período sido marcado por altos e baixos e por momentos mais e menos positivos. A minha integração nas atividades e planificação de outras sofreu algum atraso, pois no regresso destas paragens, sentia que todo o processo de estágio estava a iniciar mais uma vez, voltando a abalar a confiança.

Para além das nossas práticas, também foi notório a mudança de comportamento nas crianças do pré quarentena para o pós quarentena, principalmente num ambiente

dotado de pedagogias participativas, uma vez que "Os objetivos das pedagogias participativas são os de envolvimento na experiência e na construção da aprendizagem na experiência contínua e interativa. A imagem da criança é a de um ser com competência e atividade. A motivação para a aprendizagem sustenta-se no interesse intrínseco da tarefa e nas motivações intrínsecas das crianças" (Oliveira-Formosinho et al, 2011, p.15).

Ganhando alguma confiança, iniciei a dinamização e planificação de algumas atividades. As primeiras, apesar de terem sido bem recebidas, não contaram com uma voz ativa por parte das crianças, tendo sido atividades planeadas previamente e implementadas da forma que tinham sido pensadas. No desta fase, com sugestões e auxílio constantes por parte da Educadora, conversei mais com as crianças acerca do que gostariam de fazer e como, tendo havido uma melhoria bastante notória na motivação e interesse das crianças, remetendo novamente para a importância de ouvir as crianças para compreender a forma como estas pensam e, assim, entender se as atividades serão adequadas e gratificantes para o grupo, algo que me foi constantemente mostrado pelas práticas da Educadora cooperante.

Na implementação do projeto que teve como tema "Os Dinossauros", penso que foi evidente o papel ativo das crianças, uma vez que a metodologia por projeto vincula muito esse aspeto. Houve alturas em que foi necessário fazer ajustes para práticas que funcionavam melhor e contou com um momento bastante importante, proporcionado pelas próprias fazes do projeto, uma vez que na fase da divulgação, as crianças foram o centro, ao serem elas mesmas a mostrar os seus produtos aos colegas. Um aspeto negativo relativo a este projeto foi o *timing* de iniciação, pois uma vez que foi já no final do mês de maio, altura em que as crianças começam a faltar por causa das férias dos pais, o número de crianças que estaria presente na sala era sempre uma incógnita, algo pouco vantajoso na implementação de um projeto.

Assim, saí desta experiência com um excelente exemplo de que dando voz às crianças através de uma escuta atenta e da leitura dos seus sinais, é possível saber se uma situação vivida por um grupo de crianças se pode transformar numa aprendizagem significativa. "A escuta, tal como a observação, deve ser um processo contínuo no quotidiano educativo, um processo de procura de conhecimento sobre as crianças, seus

interesses, motivações, relações, saberes, intenções desejos, mundos de vida, realizada no contexto da comunidade educativa procurando uma ética de reciprocidade" (Oliveira-Formosinho et al, 2011, p.33).

Reflexão Sobre a Prática Educativa no 1º CEB

A Prática Educativa II, realizada no 2º ano de Mestrado, no 1º Ciclo do Ensino Básico, com uma turma de 3º ano decorreu no ano letivo 2021/2022. Foi o estágio mais duradouro e mais enriquecedor de toda a minha formação de futura professora.

O 1º Ciclo do Ensino Básico constitui os anos essenciais da vida das crianças, não só pela parte letiva para a estruturação de conhecimentos, mas a nível social e individual enquanto seres que irão integrar uma sociedade.

A turma que integrei pela primeira vez era uma turma pequena, apenas com 14 crianças, algo que contribuiu para que a experiência fosse menos assustadora e permitiu a realização de certas atividades que, com uma turma maior, teriam uma logística muito diferente. O facto de ter sido uma turma com apenas um ano de escolaridade contribuiu nesse aspeto, pois não houve necessidade de coordenar dois anos e fez com que fosse possível um melhor conhecimento dos conteúdos e acompanhamento mais individualizado. A escola que integramos contava com uma equipa docente muito boa, que nos apoiou em todo o processo das mais diversas formas. A Professora Cooperante foi excecional, ajudando-nos a crescer não só a nível profissional como a nível pessoal, pelo seu exemplo como pessoa e professora. A turma aceitou-nos desde cedo, vendo-nos como professoras, o que ajudou a ganhar confiança para dar o passo entre observar e intervir.

Este tempo de estágio deu-nos oportunidade de planificar sessões recorrendo a diversas metodologias, o que permitiu que conseguíssemos explorar aquelas com que nos sentíamos mais à vontade e que funcionavam melhor com o grupo de crianças. Foram utilizados para as sessões alguns meios audiovisuais, encorajados pela professora cooperante e muito bem aceites pelas crianças, desde a utilização de materiais criados por nós em aplicações como o *wordwall* ou power-point, ou o Hypatiamat, nos momentos de utilização individual ou em grupo dos computadores individuais dos/as alunos/as, quer em momentos direcionados ou livres.

Nos momentos de planificação de aulas, foi-nos possível planificar aulas das expressões asseguradas pela Professora Cooperante, como as Expressões Plástica, Musical e Física, algo muito enriquecedor para o nosso futuro como professoras.

A implementação de Projetos Educativos com a turma também nos foi aconselhada e encorajada, tendo criado um projeto acerca das "Fases da Lua", e que foi uma das melhores experiências do estágio. Este foi realizado inteiramente em cooperação com a turma, como o nome supõe, no seu planeamento, realização pesquisas, apresentações orais e escolha de atividades. Contou com a criação de maquetes, a realização de um teatro baseado em três livros sobre o assunto e que teve a participação da Professora Cooperante que, apesar de não se sentir muito confortável, substituiu uma colega que estágio que faltou e uma visita de estudo ao Exploratório de Coimbra, o que permitiu entender o processo de planeamento de uma saída da escola e as burocracias envolventes. O planeamento e realização de uma visita de estudo permitiu observar os benefícios que estas trazem. Para Rato (2016), uma visita de estudo pode ser vista "simultaneamente como uma atividade e uma estratégia. Uma atividade, visto se tratar de algo que os alunos vivenciam; uma estratégia, uma vez que o professor as escolhe como uma forma de potenciar as aprendizagens" (p. 32).

Levo comigo muitas práticas que poderei vir a implementar enquanto futura professora, como a realização de aulas fora da sala de aula, a implementação de visitas de estudo, a utilização de meios audiovisuais em grande grupo ou individualmente bem como a realização e apresentação de trabalhos individuais.

O ponto menos positivo nesta experiência, foi ter sido realizada em pouco tempo. O facto de apenas termos estágio dois dias por semana dava oportunidade para a existência de uma grande quebra no fio condutor, o que tornava, por vezes, difícil acompanhar os conteúdos.

Este estágio marcou-me positivamente num momento menos bom, em que pus em causa todo o meu percurso académico. Aprendi sobre rotinas, burocracias e métodos, mas principalmente que a criança é tão ou mais importante que o/a professor/a. Esta profissão não existiria sem as crianças e não nos podemos esquecer que tudo o que fazemos (incluindo-me, assim, como futura professora) é em prol da criança, e as que tive ao meu cuidado, ainda que por pouco tempo, mostraram-me o quão é bom ser-se professora, e sou-lhes muito grata por isso.

Por fim, concluo que esta Prática Educativa me deixou confiante de que é a área que quero seguir, tendo sempre presente a ideia de que será uma vida de constante aprendizagem e enriquecimento, necessárias para o trabalho no campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amado, J. (2016). *Manual de investigação qualitativa em educação.* Universidade de Coimbra

BAPTISTA, G. C. S., Os desenhos como instrumento para investigação dos conhecimentos prévios no ensino de ciências: um estudo de caso. In: *VII Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências*, In. VII ENPEC, UFSC, 2009.

Barros, S., Lucchese, R. (2007) A utilização do grupo operativo como método de coleta de dados em pesquisa qualitativa. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. 9(3), 796-805. 10.5216/ree.v9i3.7505

Bogdan R, Biklen S. (2013). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.

Bruess, E., Schroeder, E. (2014). *Sexuality Education Theory and Practice*. Jones & Bartlett Learning.

Cardoso, M. (2017). *Educação em Sexualidade no 1º CEB: O que sabem as crianças e o que pensam as famílias.* Relatório Final de Mestrado. Escola Superior de Educação de Coimbra.

Carmo,H. e Ferreira,M.(2008). *Metodologia da Investigação: guia para auto-aprendizagem*. 2ª. edição. Universidade Aberta.

Carvalho, A., Matos, C., Minderico, C., Almeida, C. T., Abrantes, E., Mota, E. A., Nunes, E., Amann, G. P., Lopes, I., Bettencourt, J., Ribeiro, J. P., Ladeiras, L., Durval, M., Martins, M., Narigão, M., Frango, P., Leal, P., Graça, P., Melo, R. & Lima, R. M. (2017). *Referencial de educação para a saúde*. Ministério da Educação – Direção-Geral da Educação.

Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/trabalhoaprendizagem-colaborativoa-vs-trabalhoaprendizagem-cooperativoa/35201# [consultado em 16-11-2022]

Cohen, J., Kahn-Nathan, J., Tordjaman, G. e Verdoux, C. (1999). *Enciclopédia da vida sexual*. (V. Pires, Trad.) Edições ASA.

DERDYK, Edith. *O desenho da figura humana*. Scipione, 2003. 2ª ed.

Direção-Geral da Educação. (s.d.). *Afetos e Educação para a Sexualidade*. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/afetos-e-educacao-para-sexualidade.

Direção Geral de Educação. (2018). *Aprendizagens Essenciais de Estudo do Meio, 3.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico. República Portuguesa.* Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/3_estudo_do_meio.pdf.

Direção-Geral da Saúde (2001). *Sexualidade Planeamento Familiar e Reprodução*. 6ª edição. Direção-Geral da Saúde.

EGYPTO, A. C. (Org.). *Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante*. Cortez, 2003.

Fernandes, A. (2006). Projeto SER MAIS – Educação para a Sexualidade Online. Porto.

Frade, A., Marques, A., Alverca, C., Vilar, D. (2009). *Educação Sexual na Escola: um guia para professores, formadores e educadores* (8ª ed.). Texto Editora.

Furlani, J. (2011). *Educação Sexual na Sala de Aula*. Autêntica Editora.

Galvão, J. (2000). *Um olhar sobre A Sexualidade Humana para uma paternidade responsável*. Paulinas.

Giddens, A. (1992). The transformation of intimacy: Sexuality, love & eroticism in modern societies (M. Lopes, Trans.). Editora UNESP (original work published 1992).

Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (5.ed.). Atlas ISBN: 8522422702.

Godoy A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, v.35, nº2, p. 57-63.

Gomes, M. (2022). Desconstruir a sexualidade e a reprodução humana no 3º ano de escolaridade. Relatório final de Mestrado. Escola Superior de Educação de Coimbra.

Grawitz, M. (1993). *Méthodes des sciences sociales*. 9ª edição. Dalloz.

Guerreiro, M. (2019, dezembro 7). *Métodos, Instrumentos e Técnicas de Recolha de Dados*. *Worldpress*. https://ulisboa.school.blog/2019/12/07/metodos-instrumentos-e-tecnicas-de-recolha-de-dados/

Gulbenkian, G., Gomes, C., Brocardo, J., Pedroso, J., Carrillo, J., Silva, L., Encarnação, M., Horta, M., Calçada, M., Nery, R. & Rodrigues, S. (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória.* Direção-Geral da Educação. Disponível em: https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/pe rfil_dos_alunos.pdf

HOHMANN, M., Weikart, D. P. (2004). *Educar a Criança.* Fundação Calouste Gulbenkian.

Marconi, M. A., &Lakatos, E. M. (2007). *Fundamentos de Metodologia Científica*. Atlas.

Marques, A., Vilar, D. e Forreta, F. (2002). *Educação Sexual no 1º Ciclo-Um Guia para Professores e Formadores.* 1ª edição. Texto Editora.

Martins, M., Gama, M. Terra Viva – Ciências Naturais, manual. 2017. 1ª edição. Barcarena, Portugal.

Matos, A. J. (1997a). Reprodução. Em *Enciclopédia de Sexualidade* (vol. 2 – Sexualidade e Reprodução). Oceano – Liarte

Morgado,J. C. (2012).*O estudo de caso na investigação em educação*. De Facto Editores.

Nelson Vitiello, A Educação Sexual Necessária, *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*: v. 6 n. 1 (1995).

Oliveira-Formosinho, J; Gambôa, R; Formosinho, J; Costa, H (2011). *O Trabalho de Projeto na Pedagogia-em-Participação*. Porto Editora

Paiva, J. e Paiva, J. (2002). *Sexualidade e Afetos – para pais, professores e educadores*. 1ª edição, Plátano Editora.

Pereira, M. (2006). *Guia de Educação Sexual e Prevenção do Abuso*. 2ª edição, Pé de Página Editores.

Pitanga, A., Rocha, L., Santos, B. (2019). A utilização de desenhos como instrumentos de análise de visões ambientais de alunos do ensino médio. *Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia.* 12(1). 10.3895/rbect.v12n1.7511

Rato, V. J. E. (2016). *Prática de Ensino Supervisionada no 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico: A importância das visitas de estudo na aprendizagem: Conceções de alunos e professores*. Relatório de Mestrado. Escola Superior de Educação de Lisboa.

Re, M. (2007). *Educación Sexual en la niñez: un desafio posible* (V. Quintanilha, Trad.). Editorial EDIBA SRL.

República Portuguesa. (2018). *Aprendizagens Essenciais* – 3º ano. Direção-Geral da Educação. Disponível em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/ 3_estudo_do_meio.pdf

Robert, J. (2006). *A minha sexualidade dos 6 aos 9 anos*. 1ª edição, Porto Editora.

Robert, J. (2011). *A minha Sexualidade - dos 9 aos 13 anos.* Porto Editora.

Sampaio, M. (1987). *Escola e Educação Sexual.* Livros Horizonte.

Sánchez, C. & Santos, H. (1986). *La educación sexual en la escuela. Grupo editor Latinoamericano.* Coleção Controversia.

Serrão, D. (2012). Educar a sexualidade ou educar para a sexualidade. *Revista ELO*, n.º 19.

Silva, S. Dixe, M. (2020). Sebenta de apoio à Unidade Curricular de Investigação II. Conteúdo Programático P3 – Investigação Qualitativa. Escola Superior de Saúde. Politécnico de Leiria.

Sousa, M. J. e Baptista, C. S. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha*. Lidel.

Spínola, A. (2018). *Aprender para Ensinar: Investigando sobre Sexualidade e Reprodução Humana no 1º CEB e Refletindo sobre as Práticas Educativas no 1º e 2º CEB.* Relatório final de Mestrado. Escola Superior de Educação de Coimbra.

Tanferi, J. (2013). *Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspetiva do Professor PDE.* Secretaria da Educação. Disponível em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uenp_cien_pdp_jorgina_aparecida_tanferi.pdf

Teixeira F. & Marques, F. M. (2012). A educação em sexualidade e os media. *Revista ELO,* n.º 19.

Teixeira, M. (1999). *Reprodução Humana e Cultura Científica: um percurso na formação de professores*. [Tese de doutoramento].Departamento de Didática e Tecnologia Educativa: Universidade de Aveiro.

Vala, A. (2021). *Sexualidade e reprodução humana: Um estudo, a distância, com estudantes do 2.º CEB*. Relatório final de Mestrado. Escola Superior de Educação de Coimbra.

Vaz, J., Vilar, D., Cardoso, S. (1996). *Educação Sexual na escola*. Universidade Aberta.

Veiga, L., Teixeira, F. & Couceiro, F. (2001). *Menina ou menino – eis a questão* (Vol. I Livro do Aluno). Plátano Editora.

Veiga, L., Teixeira, F. & Couceiro, F. (2001a). *Menina ou menino – eis a questão* (Vol. II Livro do Professor). Plátano Editora.

UNESCO. (2010). *Orientação técnica internacional sobre Educação em Sexualidade: uma abordagem em evidências para as escolas, professores e educadores em saúde*. (v. I). Razões a favor da Educação em Sexualidade. Acedido a 15 de agosto de 2022, no sítio eletrónico da UNESCO: http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001832/183281por.pdf

UNESCO. (2014). Educatión Integral de la Sexualidad: Conceptos, Enfoques y Competencias. Acedido a 20 de julho de 2023, no sítio eletrónico da UNESCO: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232800

UNESCO. (2018). International Technical guidance on sexuality education. Acedido a 20 de julho de 2023, no sítio eletrónico da UNESCO: http://unesdoc.unesco.org/images/0026/002607/260770e.pdf

World Health Organization. (2020). *Sexual and reproductive health* (D. C. Oliveira & M. Polidoro, Trans.). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (original work published 2015).

Legislação consultada

Decreto-Lei n.º 46/86, de 14 de outubro. Diário da República n.º 237/1986 – I Série. Assembleia da República.

Decreto-Lei n.º 60/2009, de 6 de agosto. Diário da República n.º 151/2009 – I Série. Assembleia da República.

Despacho n.º 25995/2005, de 16 de dezembro. Diário da República n.º 240/2005 – II Série. Ministério da Educação - Gabinete da Ministra

Portaria n.º 196-A/2010, de 9 de abril. Diário da República n.º 69/2010 – 1.º Suplemento – I Série. Ministérios da Saúde e da Educação.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Lista de participantes e codificação

A listagem que se segue refere-se aos participantes do estudo, tendo cada um a indicação do sexo e a codificação utilizada ao longo da proposta.

Tabela 33

Lista de participantes e codificação

Aluno	Sexo	NE	Codificação
1	Masculino		AM1
2	Feminino		AF1
3	Masculino		AM2
4	Masculino		AM3
5	Feminino		AF2
6	Masculino		AM4
7	Masculino		AM5
8	Feminino		AF3
9	Feminino		AF4
10	Feminino		AF5
11	Feminino		AF6
12*	Feminino		AF7
13	Masculino		AM6
14	Masculino		AM7
N = 14 (13)	♂ = 7 ♀ = 7 (6)	N=0	

Nota: a aluna AF7 não foi contabilizada para o estudo, uma vez que a sua participação durante o mesmo não foi constante, fazendo com que não fosse possível observar a sua evolução.

Apêndice 2 – Consentimento Informado

Consentimento informado

Exmo./a. Sr./a. Encarregado/a de Educação,

Eu, Catarina Alexandra Ribeiro dos Santos Andrade, estagiária do 2.º ano do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Coimbra, encontro-me a realizar um projeto de investigação sobre Educação em Sexualidade, a fim de elaborar o meu relatório final de mestrado.

Assim, venho por este meio solicitar a sua autorização para a participação do/a seu/sua educando/a no estudo, bem como para fotografar e filmar alguns momentos. Será garantido o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos, uma vez que os registos realizados por mim serão para uso único de recolha de dados necessários para a concretização do referido projeto. O rosto do/a seu/sua educando/a e o seu nome, não serão divulgados em qualquer situação.

Agradeço, desde já, a sua colaboração!

Com os melhores cumprimentos,

A estagiária,

Catarina Andrade

(para destacar e devolver)

Eu, _____ (nome do/a encarregado/a de educação), encarregado/a de educação do/a aluno/a _____ declaro que fui informado/a e autorizo/não autorizo (riscar o que não interessa) a participação do/a meu/minha educando/a no projeto a ser realizado, bem como a recolha de fotografias e vídeos no contexto e para fins acima descritos.

Coimbra, ____de _____de 2022

Assinatura do/a Encarregado/a de Educação

_____

Apêndice 3 – Questionário aos/às alunos/As do 1º CEB

Nome: _____ Data: _____

Idade: _____

Questionário[25]

1. Uma mulher é…

_____

_____

_____

_____

2. Um homem é…

_____

_____

_____

_____

3. Em casa, um homem faz…

_____

_____

_____

_____

4. Em casa, uma mulher faz…

_____

_____

_____

_____

5. Fora de casa, um homem faz…

[25] Questionário adaptado de Teixeira, Filomena (2000). Reprodução Humana e Cultura Científica: um percurso na formação de Professores/as. [Tese de Doutoramento]. Universidade de Aveiro.

_____

_____

_____

_____

6. Fora de casa, uma mulher faz…

_____

_____

_____

_____

7. Desenha uma menina e um menino.

Uma menina	Um menino

a. Podes colorir o teu desenho

8. Todas as pessoas já foram bebés um dia.

a. De onde vêm os bebés?

_____

_____

_____

_____

b. Como se faz um bebé?

_____

_____

_____

_____

c. Como é que sai um bebé da barriga da mãe?

_____

_____

_____

_____

d. Após o nascimento, como se sabe se um bebé é menino ou menina?

_____

_____

_____

_____

9. Desenha uma menina e um menino, nus. Legenda os teus desenhos.

Uma menina	Um menino

Apêndice 4 – Questão "Uma mulher é…" (antes da intervenção)

Uma mulher é…			
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**	
Uma mulher é uma menina grande com cabelos grandes/compridos, corpo e roupa.	"Uma menina grande com cabelos grandes." "Tem cabelo comprido…" "(…) na maioria tem cabelo comprido…" "(…) é uma menina que tem cabelos, olhos, pernas, braços, e roupas, cabelos e corpo…"	(AM1) (AF2) (AF6) (AM7)	N=4
Um mulher é uma pessoa/mãe que trabalha muito para tudo/para cuidar de si e de outrem/faz tarefas no seu emprego e/ou em casa, podendo ir para outros países.	"(…) pessoa (…) que trabalha muito para cuidar de si, do seu filho(a) ou do seu marido ou namorado." "(…) pessoa (…) que faz a maior parte das tarefas de casa." "(…) mãe (…) trabalha no seu emprego ou em casa e ir para outros países." "(…) pessoa (…) trabalha muito para tudo."	(AF1) (AM2) (AM4) (AF4)	N=4
Uma mulher é uma pessoa calma.	"Uma pessoa calma…"	(AM2)	N=2

Apêndice 5 – Questão "Um homem é…" (antes da intervenção)

Um homem é…

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Um homem é grande/muito forte, tem corpo, muitos pelos, pode ter cabelo curto ou comprido/branco/alguns cabelos na cabeça e corpo.	"Um homem grande com muitos pelos."	(AM1)	N=7
	"(…) muito forte…"	(AM2)	
	"Tem cabelo curto…"	(AF2)	
	"(…) que na maioria tem alguns cabelos na cabeça…"	(AF4)	
	"(…) pode ter cabelo curto ou comprido."	(AF5)	
	"(…) que na maioria tem cabelo curto…"	(AF6)	
	"(…) E tem olhos, pernas, braços, cabeça, cabelos brancos, corpo…"	(AM7)	
Um homem é pai/marido, carinhoso, casa com a mulher e trabalha para cuidar de si e de outrem, no emprego e/ou em casa.	"(…) que trabalha para cuidar de si, do seu filho(a) ou da sua namorada ou esposa."	(AF1)	N=6
	"(…) é o marido da mulher…"	(AM3)	
	"(…) é muito carinhoso."	(AM2)	
	"Pai (…) trabalha no sei emprego ou em casa e ir para outros países."	(AM4)	
	"(…) e também trabalha."	(AF4)	
	"Os homens casam com as mulheres…"	(AM7)	
Um homem é alguém que festeja muito.	"(…) festeja muito…"	(AM2)	N=1

Apêndice 6 – Questão "Em casa, um homem faz…" (antes da intervenção)

Em casa, um homem faz…

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Em casa, um homem vê/assiste televisão e vê/mexe no telemóvel.	"(…) vê televisão." "(…) vê muitas vezes telemóvel, assiste televisão…" "(…) mexe no telemóvel…"	(AM1) (AM2) (AF6)	N=3
Em casa, um homem dorme, toma banho, lava os dentes, veste-se, brinca e come.	"(…) dorme, brinca, come…" "(…) o homem dorme…" "(…) toma banho, lava os dentes, veste-se…"	(AM4) (AF3) (AF6)	N=3
Em casa um homem ajuda nos cuidados dos/as filhos/as.	"(…) ajuda os cuidados (…) dos filhos, por exemplo: ajuda com os trabalhos de casa."	(AM3)	N=1
Em casa, o homem dá beijinhos à mulher.	"(…) dá beijinhos à mulher."	(AF6)	N=1

Apêndice 7 – Questão "Em casa, uma mulher faz…" (antes da intervenção)

Em casa, uma mulher faz…

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Em casa, uma mulher pode trabalhar.	"Em casa trabalha." "Trabalho, mais trabalho, trabalha…" "Em casa, uma mulher pode trabalhar…" "Trabalhar."	(AF2) (AM4) (AF5) (AM6)	N=4
Em casa, uma mulher toma banho, lava os dentes, veste-se, dorme, brinca e come.	"Toma banho…" "(…) dorme, brinca, come…" "(…) toma banho, lava os dentes, veste-se…"	(AM2) (AM4) (AF6)	N=3
Em casa, uma mulher tem carinho/lava/toma conta dos/as filhos/as.	"Lavar o seu filho (…) e têm mesmo muito carinho por nós." "Em casa, as mulheres tomam conta dos filhos ou filhas."	(AF4) (AM7)	N=2
Em casa, uma mulher dá beijinhos ao homem.	"(…) e dá beijinhos ao homem."	(AF6)	N=1

Apêndice 8 – Questão "Fora de casa, um homem faz…" (antes da intervenção)

Fora de casa, um homem faz…

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Fora de casa, um homem faz compras(comida/roupa)/vai ao supermercado.	"Vai ao supermercado (…) e vai comprar roupa para mim." "(…) vai comprar comida." "(…) compras…"	(AM2) (AM3) (AM4)	N=3
Fora de casa, um homem dá passeios/caminhadas e come fora/faz jantares com amigos.	"(…) até dar passeios e caminhadas." "Come fora (…) e faz jantares com amigos da universidade."	(AF5) (AF6)	N=2
Fora de casa um homem faz viagens para outros países.	"(…) viagens para outros países."	(AM4)	N=1
Fora de casa o homem vai ao futebol.	"(…) vai ao futebol com os amigos…"	(AF6)	N=1

Apêndice 9 – Questão "Fora de casa, uma mulher faz…" (antes da intervenção)

Fora de casa, uma mulher faz…

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Fora de casa, uma mulher passeia, vai ao shopping/vai ao shopping almoçar/come fora, vai ver teatro e a casa das amigas.	"(…) vai ao shopping, passeia…" "(…) passeia, vai ao shopping almoçar…" "(…) passear…" "Vai ao shopping, come for a, vai ver teatro e vai a casa das amigas."	(AF1) (AF4) (AF5) (AF6)	N=4
Fora de casa, uma mulher compra roupa para toda a gente, vai ao supermercado para o almoço/jantar e mete gasolina no carro.	"Compras, mete gasolina no carro." "Vai comprar roupa para toda a gente (…) e vai ao supermercado para fazer almoço/jantar." "(…) compras, mais compras…"	(AM1) (AM2) (AM4)	N=3
Fora de casa, uma mulher faz viagens/viaja.	"(…) viagens…" "(…) viajar…"	(AM4) (AF5)	N=2
Fora de casa, uma mulher lava/estende a roupa, faz a cama.	"Fora de casa uma mulher lava a roupa, faz a cama, estende a roupa."	(AM7)	N=1

Apêndice 10 – Questão "De onde vêm os bebés?" (antes da intervenção)

De onde vêm os bebés?		
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**
Os bebés vêm da vagina/bibi.	"Os bebés vêm da vagina…" "(…) ou do bibi."	(AF1) AM4)
Os bebés vêm da parte do sexo(relação sexual).	"Sim. É a parte do sexo."	(AM6)

Apêndice 11 – Questão "Como se faz um bebé?" (antes da intervenção)

Como se faz um bebé?

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Um bebé faz-se quando um homem e uma mulher se casam.	"Para fazer um bebé é preciso que um homem e uma mulher se casem."	(AF5)	N=1
Um bebé faz-se como uma semente de uma árvore.	"Sabem a semente de uma árvore? Pronto, nós somos iguais."	(AF4)	N=1
Um bebé faz-se se um homem não tiver problemas no pénis.	"(…) que o homem tiver problema no pénis não pode ter bebés."	(AM6)	N=1
Os bebés fazem-se da barriga da mãe.	"Os bebés fazem da barriga da mãe."	(AM7)	N=1

Apêndice 12 – Questão "Como é que um bebé sai da barriga da mãe?" (antes da intervenção)

Como é que um bebé sai da barriga da mãe?

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Um bebé sai da barriga da mãe pelo pipi/bibi que tem de se cortar pelos lados.	"(…) ou pelo pipi (…) e pelo pipi têm de cortar pelos lados." "Um bebé sai do bibi…"	(AM3) (AM4)	N=2
Um bebé sai da barriga da mãe fazendo força na maternidade, deitada numa 'cama', os médicos vão tirando devagar o bebé (nós)/o bebé sai.	"É que a mãe tem de fazer força e os médicos devagar vão tirando o bebé (nós)." "A mãe tem de ir para a maternidade deitar-se numa "cama" e fazer força para o bebé sair."	(AF4) (AF6)	N=2

Apêndice 13 – Questão "Após o nascimento, como se sabe se um bebé é menino ou menina?" (antes da intervenção)

Como é que um bebé sai da barriga da mãe?

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Um bebé sai da barriga da mãe pelo pipi/bibi que tem de se cortar pelos lados.	"(…) ou pelo pipi (…) e pelo pipi têm de cortar pelos lados." "Um bebé sai do bibi…"	(AM3) (AM4)	N=2
Um bebé sai da barriga da mãe fazendo força na maternidade, deitada numa 'cama', os médicos vão tirando devagar o bebé (nós)/o bebé sai.	"É que a mãe tem de fazer força e os médicos devagar vão tirando o bebé (nós)." "A mãe tem de ir para a maternidade deitar-se numa "cama" e fazer força para o bebé sair."	(AF4) (AF6)	N=2

Apêndice 14 – "Ser homem é…/Ser mulher é…" (sessão a pares)

Par AF6/AM7

Ser homem é…	***Ser mulher é…***
Fixe	Divertida
Bêbado	Trabalhadora
Radical	Limpinha
Atleta	Chefe
Encher o bandulho	Algumas são cabeludas
Engenheiro	Contrutos (?)
Tem menos cabelo e alguns carecas	Veterinária
Doutor	Lava a loiça
Cientista	Enfermeiras
Geólogos	Cozinheira
Pintor	Têm vagina
Bombeiros	Mãe
Têm pénis	Ser avó
Pai	Casada
Casados	
Ser avô	
Colecionador de ténis	

Par AM1/AF5

Ser homem é…	***Ser mulher é…***
Engraçado	Bonita
Bonito	Brincalhona
Fixe	Fixe
Grande trabalhador	Trabalha muito bem
Futebolista	Professora
Atleta	Bombeira
Informático	Polícia
Médico	Cabeleireira
Professor	Tem filhos
Bombeiro	Pode praticar exercício físico
Barbeiro	Fica gorda de tanto comer
Surfista	Pode ser mãe, tia, avó, tetra-avó.
Come muito	Às vezes tratam mal os homens
Faz muito exercício físico, por isso tem músculos	São muito cool
Tem muito pelo	
Ás vezes são pai, tio, avô e tetra-avô	
Às vezes tratam mal as mulheres	
São muito cool	

Par AM2/AF3

Ser homem é…	***Ser mulher é…***
Fixe	Fixe
Tem muita barba	Tem muito cabelo
Bebe mais do que a mulher	Muito bonitas
Tem muitos pelos como o pé grande	Engraçadas
São muito mais rápidos do que as mulheres	Compra roupa/comida
Tem menos cabelo que as mulheres	Pinta as unhas/cabelo
Construtor	Faz as tarefas domésticas
Camionista	Tem menos pelo que os homens
Barbeiro	Cozinham mais do que os homens
Cientista	Dentista
Enfermeiro	Cabeleireira
	Professora
	Costureira

Par AM4/AF1

Ser homem é…	*Ser mulher é…*
Bruto	**Bonita**
Fixe	**Elegante**
Mandão	**Trabalhadora**
Trabalhador	**Inteligente**
Bonito	**Mandona**
Forte	**Chata**
Inteligente	**Gosta de moda**
Professor	**Simpática**
Construtor	**Atleta**
Eletricista	**Maquilhadora**
Militar	**Cabeleireira**
Polícia	**Pintora**
Jardineiro	**Costureira**
Atleta	**Estudante**
Estudante	**Manicura**
Tem muito pelo	**Adora fazer unhas**
Sua muito	**Arranjar o cabelo**
São mais resistentes	**Pintar as unhas dos pés**
Dorminhoco	
Preguiçoso	

Par AF4/AM5

Ser homem é…	***Ser mulher é…***
Fixe e às vezes não é	Muito boa a fazer as coisas
Cozinha	Pode ser cabeleireira
Trabalha muito	Aventureira
É cuidador	Tem muito cabelo
É pai	Algumas professoras
Lutador	Têm pestanas grandes
Careca e alguns têm cabelo	Usam vestidos às vezes
A maioria tem barba e também bigode	
Alto ou baixo	

Trio AF3/AM4/AM7

Ser homem é…	***Ser mulher é…***
Simpáticos	Costumam ter filhos com os homens
Maldosos	Às vezes levam os filhos à escola
Costumam ajudar as mulheres a criar os bebés	Trabalham todo dia
Trabalham muito	Lavam a roupa de vez em quando
Descansam em casa	
Alguns trabalham até à meia-noite	
Às vezes fazem a comida	
Alguns casam	
Namoram com as mulheres	
Se os homens não existissem não havia mais pessoas como as mulheres	

Apêndice 15 – Questão "Uma mulher é..." (após a intervenção)

Uma mulher é...			
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**	
Uma mulher tem muito cabelo e é linda.	"(...) tem muito cabelo..." "(...) linda..."	(AM2) (AF6)	N=2
Uma mulher é fixe, às vezes engraçada.	"Fixe, às vezes engraçada..."	(AF6)	

Apêndice 16 – Questão "Um homem é…" (após a intervenção)

Um homem é…

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Um homem tem muito pelo no corpo, tem mais massa corporal nos braços e nas pernas.	"(…) com muito pelo no corpo, tem mais massa corporal nos braços e nas pernas…"	(AM2)	N=1
Um homem é do género feminino.	"(…) do género feminino…"	(AF4)	N=1
Um homem é radical/palhaço.	"Radical (…) palhaço."	(AF6)	N=1

Apêndice 17 – Questão "Em casa, um homem faz…" (após a intervenção)

Em casa, um homem faz…		
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**
Em casa, um homem trabalha no escritório/fora de casa/construções	"(…) trabalhar fora de casa." (AM1) "(…) e trabalha…" (AF1) "Em casa, um homem trabalha…" (AF2) "(…) trabalha…" (AM4) "(…) construções…" (AF3) "(…) trabalha…" (AF4) "Ele trabalha…" (AF5) "(…) e trabalham no escritório." (AF6)	N=8
Em casa, um homem descansa e relaxa/adormece no sofá.	"(…) descansar…" (AM1) "(…) descansam …" (AF2) "(…) descansa…" (AM4) "(…) relaxa no sofá…" (AF3) "(…) adormecer no sofá…" (AM6) "(…) pode descansar…" (AM7)	N=6
Em casa, um homem pode ver televisão/telemóvel, brincar (com os filhos), ler e jogar futebol	"(…) ver televisão (…) brincar, ler, jogar futebol…" (AM1) "(…) e vê telemóvel." (AM2) "(…) brinca…" (AM4) "(…) brinca com os filhos…" (AF3) "(…) brinca…" (AF5)	N=5
Em casa, um homem faz as mesmas coisas das mulheres exceto engravidar.	"Um homem em casa faz as mesmas coisas das mulheres exceto engravidar." (AM3)	N=1
Em casa, um homem pode fazer tudo e mais alguma coisa.	"(…) podem fazer tudo e mais alguma coisa." (AM7)	N=1
Em casa, um homem paga as contas.	"(…) paga as contas…" (AF6)	N=1

Apêndice 18 – Questão "Em casa, uma mulher faz…" (após a intervenção)

Em casa, uma mulher faz…

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Em casa, uma mulher trabalha fora de casa/no computador/corrige provas e faz construções.	"(…) faz trabalho fora de casa…" "Em casa, uma mulher trabalha…" "(…) trabalha…" "(...) construções…" "(…) trabalha no computador…" "(…) corrige provas."	(AM1) (AF2) (AM4) (AF3) (AF4) (AF6)	N=6
Em casa, uma mulher vai às compras, brinca com os filhos, lê livros e às vezes pinta as unhas.	"(…) vai às compras…" "(…) às vezes pinta as unhas." "(…) brinca." "(…) brinca com os filhos…" "(…) brinca…" "(…) lê livros…"	(AM1) (AM2) (AM4) (AF3) (AF5) (AF6)	N=6
Em casa, uma mulher descansa/relaxa no sofá.	"(…) descansa." "(…) descansam…" "(…) descansa…" "(…) relaxa no sofá…" "(…) descansa…"	(AM1) (AF2) (AM4) (AF3) (AM7)	N=5
Em casa, uma mulher pode fazer tudo e mais alguma coisa/as mesmas coisas dos homens.	"Uma mulher faz em casa as mesmas coisas dos homens." "(…) podem fazer tudo e mais alguma coisa."	(AM3) (AM7)	N=2
Em casa, uma mulher trata dos seus filhos(o).	"(…) trata dos seus filhos(o)…"	(AF1)	N=1

Apêndice 19 – Questão "Fora de casa, um homem faz…" (após a intervenção)

Fora de casa, um homem faz…

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Fora de casa, um homem faz/vai às compras (brinquedos/comida/roupa/pão).	"(…) vai às compras." "Vai comprar brinquedos (…) compra comida e compra roupa." "(…) vai comprar pão…" "(…) compras…"	(AM1) (AM2) (AM3) (AM4)	N=4
Fora de casa, um homem vai à academia, brinca, passeia/dá caminhadas, comemos/vai comer fora/ao café, muito poucas vezes vai ao cinema com os/as filhos/as.	"Fora de casa um homem faz por exemplo, vai à academia…" "(…) brinca…" "(…) passeia, comemos." "Vai ao café, dá uma caminhada, vai comer fora, muito poucas vezes vai ao cinema com os(as) filhos/as."	(AM3) (AF2) (AM4) (AF6)	N=6

Apêndice 20 – Questão "Fora de casa, uma mulher faz…" (após a intervenção)

Fora de casa, uma mulher faz…

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Fora de casa, uma mulher brinca, passeia/pode ir viajar/ir de férias, comem/vai comer fora, encontra-se com as amigas, vai à feira, vai a festas e faz madeixas no cabeleireiro.	"(…) brinca…"	(AF2)	N=5
	"(…) passeia, comem."	(AM4)	
	"Madeixas no cabeleireiro…"	(AF4)	
	"A mulher pode ir viajar, ir de férias…"	(AF5)	
	"Encontra-se com as amigas, vai comer fora, às vezes vai à feira, vai a festas."	(AF6)	
Fora de casa, uma mulher 'sofre de andar para a frente e para trás com o carro'.	"(…) sofre de andar para a frente e para trás com o carro."	(AF4)	N=1
Fora de casa, uma mulher pode descansar.	"(…) podem descansar."	(AM7)	N=1

Apêndice 21 – Questão "De onde vêm os bebés?" (após a intervenção)

De onde vêm os bebés?			
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**	
Os bebés vêm da barriga da mãe e já foi um espermatozoide.	"(…) e o bebé já foi um espermatozoide."	(AM3)	N=1

Apêndice 22 – Questão "Como se faz um bebé?" (após a intervenção)

Como se faz um bebé?			
Categoria	**Evidência/Indicador**	**Total de Alunos**	
Um bebé faz-se por relações sexuais/através da sexualidade/sexo, deitando-se na cama, um homem e uma mulher juntam/colocam/o pénis entra/toca na vagina/vulva.	"Colocando o pénis na vulva." (AF1) "O bebé faz-se juntando o pénis com a vagina…" (AM2) "Através da sexualidade." (AM5) "Um bebé faz-se quando o pénis entra dentro da vagina…" (AF3) "Um bebé faz-se com o pénis e a vagina tocam-se…" (AF4) "Deitando-se na cama, um homem e uma mulher, juntam o pénis e a vagina, a isso chama-se sexo." (AF6) "Por relações sexuais." (AM6)		N=7

Apêndice 23 – Questão "Como é que um bebé sai da barriga da mãe?" (após a intervenção)

Como é que um bebé sai da barriga da mãe?

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Um bebé sai da barriga da mãe porque a mãe vai à maternidade, põe-se uma anestesia à senhora para não doer, a mãe faz força e os médicos puxam/tiram o bebé.	"Põe-se anestesia à senhora e os médicos tiram o bebé."	(AM1)	N=3
	"Um bebé sai da barriga da mãe com um médico a puxar e a mãe a fazer força."	(AF4)	
	"A mãe vai à maternidade, os médicos dão uma anestesia para não doer e tiram o bebé."	(AF6)	
Um bebé sai da barriga da mãe de cabeça para baixo.	"Um bebé sai de cabeça para baixo."	(AM5)	N=1
Um bebé sai do bisturi.	"(…) ou do bisturi."	(AM6)	N=1

Apêndice 24 – Questão "Após o nascimento, como se sabe se um bebé é menino ou menina?" (após a intervenção)

Após o nascimento, como se sabe se um bebé é menino ou menina?

Categoria	Evidência/Indicador	Total de Alunos	
Após o Nascimento/quando o bebé nascer sabe-se olhando/vendo/pela parte íntima do bebé.	"Quando o bebé nascer olha-se para as partes íntimas."	(AF1)	N=6
	"Sabe-se se é menino ou menina pela parte íntima."	(AM2)	
	"Sabe-se olhando para as partes íntimas.	(AM4)	
	"Vendo pela parte íntima do bebé."	(AM5)	
	"A gente sabe se é uma menina ou um menino é olhar para as partes íntimas."	(AF4)	
	"Após o nascimento sabe-se se é uma menina ou um menino olhando para as partes íntimas."	(AF6)	
Após o nascimento, sabe-se se é menino ou menina vendo pelo sexo feminino ou masculino.	"Vê-se se é menino ou menina pelo sexo feminino ou masculino."	(AF5)	N=1

Escola Superior
de Educação

Politécnico de Coimbra